

Departamento de Sociologia

**Amores em (des)Construção – Práticas e Representações de Jovens
sobre o Amor e as Relações Amorosas**

Rita Maria Gaspar da Silva Carvalho

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Sociologia e Planeamento

Orientadora:
Doutora Maria das Dores Horta Guerreiro, Professora Auxiliar
ISCTE-IUL

Co-orientadora:
Doutora Patrícia Durães Ávila, Professora Auxiliar
ISCTE-IUL

Outubro, 2010

Amores em (des)Construção – Práticas e Representações de
Jovens sobre o Amor e as Relações Amorosas
Rita Maria Gaspar da Silva Carvalho

Outubro
2010

AGRADECIMENTOS

A realização desta tese de mestrado contou com a colaboração e apoio de pessoas e organizações a quem gostaria dirigir uma palavra de agradecimento:

À Prof. Maria das Dores Guerreiro e à Prof. Patrícia Ávila pela total disponibilidade, empenho e apoio na orientação dos trabalhos;

Aos órgãos de gestão da escola, professores e alunos do INETE, Escola Digital, INETESE e EPAD que, tendo aceite imediatamente o desafio de participar no estudo, se mobilizaram para que o processo de recolha de informação corresse da melhor forma;

E, por fim, aos amigos e família pelas sugestões e reflexões e também pela compreensão e motivação permanente.

RESUMO

Num contexto marcado por transformações na vida social em geral e na vida privada, em particular, procurou-se conhecer a configuração das práticas e representações de jovens sobre o amor e as relações amorosas, e a influência do género e da classe social de origem na sua estruturação. Com esse objectivo realizou-se uma pesquisa empírica de natureza quantitativa, com base numa amostra não representativa (N=338) de alunos de 4 escolas profissionais da região de Lisboa - INETE, Escola Digital, INETESE e EPAD, de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 15 e os 22 anos e condição social diversa.

Enquadrando os jovens inquiridos na linha da frente da individualização e democratização da sociedade portuguesa, com a identificação de alguns traços dos modelos emergentes de amor e relacionamento amoroso na modernidade tardia, os principais resultados da análise estatística apontam para uma concepção de amor fortemente orientada para o equilíbrio e negociação de poderes no casal, em convergência com a afirmação de práticas associadas a um estilo de comunicação aberto e activo, características marcantes da amostra estudada.

Destaca-se o posicionamento das raparigas na liderança deste movimento de democratização das relações amorosas e o contraste entre uma visão idealista do amor, partilhada pelas franjas com menos recursos, e uma visão mais crítica dos jovens socialmente favorecidos que, num contexto de crescente reflexividade e auto-determinação, evidenciam uma maior capacidade de desconstrução das lutas de poder travadas na esfera da intimidade, limitando, assim, o investimento e as cedências feitas em nome de ideais românticos menos democráticos.

Palavras-Chave: Amor; Relações Amorosas; Jovens; Práticas e Representações; Namoro; Género; Classe Social.

ABSTRACT

Within a background characterized by transformations taking place on social life, in general, and on private life, in particular, this study aims to learn more about practices and representations of love and relationships among youngsters and explore gender and social background effects. A quantitative research was conducted, based on a non-representative sample (N=388) of students that attend 4 vocational schools within Lisboa region - INETE, Escola Digital, INETESE e EPAD. The sample gathers male and female students, with ages from 15 to 22 years old, from different social backgrounds.

Framing the inquired youngsters within the front line of individualization and democratization of Portuguese society, by identifying some features of the emerging models of love and relationships in late modernity, the main results of statistic analyses point to a conception of love guided towards balance and power negotiation within the couple, converging with the statement of practices associated with an open and active style of communication, strong characteristics within the studied sample.

It is highlighted the girls positioning on leading this democratization of relationships movement and the contrast between an ideal vision of love, shared by the fringes with less resources and a more critical vision among the youngsters with more resources that show a greater capacity of deconstructing the fight for power that takes place in intimacy, limiting, therefore, the investment and will to give up in the name of less democratic romantic ideals.

Key words: Love; Love Relationships; Youngsters; Practices and Representations; Dating; Gender; Social Class.

Índice

Introdução.....	1
Capítulo 1 - Modernidade, individualização e amosidades emergentes	2
1.1. Sociedade e indivíduo individualizado, a incerteza perante novas oportunidades	2
1.2. Amor, família e conjugalidades emergentes	6
1.3. Os desafios do amor e das relações amorosas na contemporaneidade.....	11
Capítulo 2 – O amor e as relações amorosas dos jovens portugueses.....	16
2.1. Breve contextualização da sociedade portuguesa	16
2.2. Configuração do modelo de análise	23
2.3. Procedimentos metodológicos.....	25
Capítulo 3 – Análise dos resultados	27
3.1. Caracterização da amostra.....	27
3.2. Influência do género e da classe social de origem	32
Conclusão	36
Bibliografia.....	38
Anexo A - Guião de Questionário.....	41
Anexo B – Outputs Estatísticos.....	46
Anexo C – Indicadores Socioprofissionais de Classe	60
Anexo D – Curriculum Vitae	62

Índice de Quadros e Figuras

Quadros

Quadro 3.1 – Grupo etário por sexo dos inquiridos (%)	27
Quadro 3.2 – Grau de escolaridade do pai e mãe ou outros representantes	28
Quadro 3.3 - Indicador socioprofissional de classe individual (ISPI) e familiar (ISPF).....	28
Quadro 3.4 – Avaliação da fiabilidade das dimensões de análise das práticas	30
Quadro 3.5 – Avaliação da fiabilidade das dimensões de análise das representações	31
Quadro 3.6 - Média e desvio-padrão das práticas e representações do amor e das relações amorosas.....	32
Quadro 3.7 - Práticas e representações do amor e das relações amorosas por sexo (Médias)	33
Quadro 3.8 - Médias das práticas e representações do amor e das relações amorosas por estrato social ...	34

Figuras

Figura 2.1 - Modelo de Análise.....	24
-------------------------------------	----

Introdução

“A *vida amorosa*, em todo o seu misterio, é dificilmente definível, fugidia às racionalizações. Na sua mais plena intimidade, parece apenas poder ser pressentida, intuída, vivida. Mas nem por isso deixa de ser sondável ou sociologizável. Estranho é que a sociologia tenha desprezado ou deixado à margem este universo que a todos nos toca, tão afectuosamente, até mesmo aos *sociólogos*”

(Pais, 1998:407)

O presente trabalho tem por objectivo o estudo de práticas e representações de jovens sobre o amor e as relações amorosas.

Entre discursos alarmistas que anunciam o declínio ou irreversível enfraquecimento dos laços estabelecidos entre os casais e os discursos entusiastas da sua maior mobilidade, comunicação, orientação para a auto-realização e libertação face a constrangimentos institucionais e sociais, o movimento de individualização das sociedades contemporâneas coloca novos desafios à forma como se organiza e se perspectiva o amor e os relacionamentos amorosos, encontrando-se os jovens na linha da frente da configuração de novas orientações normativas e formas de vivenciar as relações na esfera da intimidade e da vida privada.

Enquadrado num processo de mudança social mais vasto, com transformações ao nível do modelo dominante de amor, o trabalho realizado incide, especificamente, na análise do posicionamento de jovens estudantes dos 15 aos 22 anos face às dimensões de integração externa, coesão, distribuição do poder, resolução de conflitos, estilo de comunicação e visão do amor, procurando-se perceber em que medida o género e a classe social de origem influenciam a configuração das práticas e representações destes jovens. Com esse fim realizou-se uma pesquisa de natureza quantitativa, com recurso à recolha, tratamento e análise estatística de 338 questionários válidos.

Capítulo 1 - Modernidade, individualização e amosidades emergentes

1.1. Sociedade e indivíduo individualizado, a incerteza perante novas oportunidades

O movimento de individualização é apontado como um elemento fundamental da tendência histórica de transformação social nas sociedades ocidentais. Nas últimas décadas do século XX, a intensificação do individualismo acompanha o advento da modernidade líquida ou sociedade individualizada de Bauman (2001, 2000), da segunda modernidade de Beck e Beck-Gernsheim (2006) ou da modernidade tardia e reflexiva de Giddens (1998), colocando o indivíduo no centro de todas as atenções: o indivíduo afirma-se no carácter subjectivo e singular da sua individualidade e liberta-se de constrangimentos externos, ganhando um protagonismo crescente na vida social.

A individualização pode ser aqui entendida enquanto produção de uma ordem social mais individualizada nas formas de organização e regulação da sociedade, sejam elas o estado, a família ou o mercado de trabalho; enquanto capacidade individual de auto-reflexão e auto-determinação do *self* na definição das trajectórias sociais; e como multiplicação das possibilidades biográficas ao alcance dos indivíduos. Os processos de descontextualização, destradicionalização e radicalização da reflexividade nas sociedades modernas articulam-se, de forma estreita, neste movimento de individualização alterando significativamente a realidade social (Bauman, 2001, 2000; Beck e Beck-Gernsheim, 2006 e Giddens, 1998).

Segundo Giddens (1998), a descontextualização e reestruturação das relações sociais, através de extensões indefinidas de espaço-tempo, e a reflexividade da vida social, por via da reformulação profunda e sistemática das práticas sociais em função da informação que os indivíduos vão adquirindo acerca dessas mesmas práticas (reflexividade esta que pressupõe uma refutação de princípios meta-sociais como a religião, a tradição e mesmo a razão), remetem para o dinamismo inerente ao mundo actual e contribuem para o alargamento do leque de oportunidades e do potencial de emancipação societal.

Ao contrário do que sucedia no passado, deixa de existir uma definição clara sobre os destinos de cada um. As trajectórias dos indivíduos deixam de constituir uma atribuição para passarem a

ser construídas pelos próprios, e cada vez mais individualizadas, num processo incessante de reformulação e mudança.

Mas a flexibilização e abertura das trajectórias dos indivíduos na modernidade não pode ser pensada somente numa perspectiva de autonomização ou emancipação dos indivíduos, essa é apenas uma das faces dos processos da modernização e individualização das sociedades.

A transformação do indivíduo, enquanto projecto reflexivo do *self*, numa escolha entre várias possibilidades, um verdadeiro *Homo Options*, implica, na medida em que os indivíduos se encontram cada vez mais afastados das seguranças tradicionais, uma intensificação das dúvidas, incertezas e riscos que dificulta, ao mesmo tempo, a construção dos trajectos de vida individuais (Beck e Beck-Gernsheim, 2006 e Giddens, 1998).

Segundo Beck e Beck-Gernsheim (2006), o indivíduo encontra-se agora arredado dos contextos tradicionais de existência, estabilizados e localmente organizados, onde as formas sociais que até recentemente orientavam o dia-a-dia das pessoas, em função do valor normativo da tradição, agora se desintegram, favorecendo aparentemente a liberdade de escolha e o alargamento da margem de manobra dos indivíduos face a um conjunto de obrigações anteriores.

Contudo, ao mesmo tempo que se dá este enfraquecimento da ordem social precedente, com a perda do monopólio da influência social que categorias como a classe e o estatuto social, papéis de género, família ou vizinhança detinham no passado¹, emergem novos constrangimentos e formas de controlo que, através do mercado de trabalho, do estado-providência e das instituições de protecção social, fixam os indivíduos a uma rede de regulações e condições sociais (benefícios da segurança social, taxas de juro dos empréstimos, entre outros), influenciando de forma significativa o planeamento e a acção no quadro do individualismo institucionalizado das sociedades modernas².

Na dúvida perante as diversas possibilidades e na certeza do desajustamento das soluções adoptadas no passado, autonomia pessoal significa simultaneamente responsabilidade

¹ Pretendendo reforçar a ideia de fragilização das referidas categorias sociais, Beck e Beck-Gernsheim (1995) propõem o conceito de categorias *zombie* dos tempos modernos.

² O conceito de individualismo individualizado surge associado especificamente à focalização das instituições das sociedades modernas no indivíduo e não no grupo, distinguindo-se de outras formas de individualismo (Beck e Beck-Gernsheim, 2006).

e traduz um acréscimo de esforço muito acentuado para escapar a escolhas erradas e potencialmente irreversíveis nas biografias dos indivíduos:

“Uma das características distintivas dos processos de individualização é que não só permitem, como exigem, um contributo activo dos indivíduos. À medida que o leque de opções e decisões a ser tomadas se alarga, também aumenta a necessidade da acção individualmente desenvolvida, de ajustamentos, coordenação e integração. Para evitar o fracasso, os indivíduos têm de ser capazes de planear a longo prazo e adaptar-se à mudança; têm que organizar e improvisar, definir metas, reconhecer obstáculos, aceitar derrotas e saber começar de novo. Precisam de iniciativa, tenacidade, flexibilidade e tolerância à frustração.”

(Beck e Beck-Gernsheim, 2006: 4)³.

A busca de soluções biográficas para uma gestão eminentemente experimentalista da vida, num contexto de ambivalências e contradições sistémicas como aquele que caracteriza as sociedades ocidentais contemporâneas, não significa a inexistência de constrangimentos sociais ou de valores colectivamente partilhados na construção da acção humana. Na sociedade individualizada, lembram Beck e Beck-Gernsheim (1995: 7), “as biografias construídas pelos indivíduos continuam a ser influenciadas pelas condições existentes, sejam elas familiares, económicas ou políticas, condições estas que conferem um perfil singularizante às desigualdades produzidas”⁴.

Pese embora a fragilização de categorias sociais, como a classe e a família, e o protagonismo crescente dos indivíduos no âmbito da construção dos seus trajectos de vida, sejam mulheres ou homens, de contextos mais ou menos favorecidos, a ordem social contemporânea não extinguiu a lógica de reprodução das desigualdades sociais, verificando-se a persistência de uma tendência de transmissão do estatuto social de pais para filhos veiculada pela organização familiar moderna (Peixoto, C., Singly, F. e Cicchelli, V., 2000).

O modelo de estruturação social proposto por Bourdieu (2001a, 2001b), assenta na combinação de diversos tipos de recursos - económicos, culturais, sociais e simbólicos - isto é, formas de capital transmutáveis e convertíveis entre si, mas cuja reconversão se caracteriza, tal

3 Tradução livre do original: “One of the decisive features of individualization processes, then, is that they not only permit but they also demand an active contribution by individuals. As the range of options widens and the necessity of deciding between them grows, so too does the need for individually performed actions, for adjustment, coordination, integration. If they are not to fail, individuals must be able to plan for the long term and adapt to change; they must organize and improvise, set goals, recognize obstacles, accept defeats and attempt new starts. They need initiative, tenacity, flexibility and tolerance of frustration” (Beck e Beck-Gernsheim, 2006: 4).

4 Bauman (2001) reforça a inevitabilidade da individualização enquanto condição social cuja existência não depende da livre decisão dos indivíduos, configurando uma fatalidade irresistível.

como a sua distribuição, pela existência de assimetrias, originando a predominância social de determinadas formas de capital sobre outras. Consequentemente, a maior ou menor relevância do posicionamento dos indivíduos nos diferentes campos sociais é decisivamente influenciada pelo volume, estrutura e trajetória dos diversos tipos de capital.

Bourdieu dedicou uma atenção especial à forma como as desigualdades de combinação destes diferentes tipos de recursos distribuídos através dos (sub) espaços sociais se constituem em diferenças de poder que organizam as configurações das classes sociais. Foram localizadas estruturas internalizadas das disposições de classe, através do *habitus*, que correspondem às estruturas relacionais e culturais que definem os campos de poder existentes nas sociedades contemporâneas. Quando são aceites como legítimas ou tendo o valor cultural mais elevado, as disposições socialmente adquiridas e o capital dos agentes dominantes ganham uma mais valia simbólica, superando assim, por via da violência simbólica exercida sobre os dominados, o valor do seu capital económico e cultural e revelando o peso crucial do capital simbólico no jogo entre as classes sociais (2001^a, 2001b).

As desigualdades sociais persistem e complexificam-se nas sociedades modernas, assumindo novas configurações que resultam da multiplicação e acumulação de diversos factores associados não só à pertença de classe, entendida na sua concepção mais clássica de categoria antagónica ligada ao trabalho e de posicionamento face a uma hierarquia de distribuição de recursos e de *status*, mas também ao género, idade, etnicidade, qualificações, situação face ao emprego, entre outras dimensões relevantes na organização da vida social.

Para Fitoussi e Rosanvallon (1997), o aparecimento de novas formas de desigualdade social, de carácter eminentemente dinâmico, resulta das contradições do próprio processo de modernização, caracterizado, como vimos, pelo duplo movimento de autonomia e insegurança crescentes nas sociedades ocidentais contemporâneas. Assim, para além das “velhas e persistentes desigualdades”, designadamente associadas a uma distribuição de rendimentos desiguais entre categorias sociais, surgem agora “novas desigualdades sociais” que remetem para a situação face ao emprego, trabalho das mulheres, dimensão geográfica, grupo geracional, endividamento ou mesmo para as transformações do modelo familiar.

O seu carácter pode ser mais ou menos importante mas o problema é que as desigualdades dinâmicas se multiplicam, têm uma forte probabilidade de acumulação em

determinadas populações⁵ e, pese embora não introduzam elementos de novidade propriamente dita no sistema estrutural que as precede, a sua previsível permanência na sociedade (como é o caso da situação face ao emprego, no quadro da elevação dos níveis de precariedade e desemprego nas sociedades ocidentais contemporâneas) confere-lhe características de transversalidade e aleatoriedade que dificultam a sua legibilidade (Fitoussi e Ronsavallon, 1997).

1.2. Amor, família e conjugalidades emergentes

São várias as propostas de leitura da relação entre modernidade e individualização que destacam a centralidade do amor na explicação de transformações ocorridas em diversas esferas da vida social, sobretudo ao nível da sentimentalização, privatização e desinstitucionalização da vida privada (Ariès, 1973; Elias, 1993; Shorter, 1975; Beck e Beck-Gernsheim, 2006 e Giddens, 1996).

Estas transformações, influenciadas pelos modelos dominantes de amor, reflectem-se na emergência da família relacional contemporânea (Segalen, 1999), um espaço privilegiado de organização e afirmação da modernidade, pautado por fenómenos como o aumento da negociação e contingência do casamento, a erosão dos papéis sexuais, o crescente peso do divórcio e da coabitação informal, a redução do número de filhos, a alteração da condição feminina e o aumento de pessoas a viverem sós, algumas delas por opção própria, entre as quais casais que rejeitam a opção da coabitação (Aboim, 2006a; Guerreiro, 2003)⁶.

Remontando aos finais do séc. XIX, a análise da formação da família moderna feita pelo historiador de mentalidades Edward Shorter (1975) aponta para uma “revolução” do sentimento em três áreas distintas: (i) no namoro, com a alteração completa, motivada pelo amor romântico, dos critérios de escolha dos parceiros, passando a felicidade e o auto-desenvolvimento pessoal a estar em primeiro lugar, em detrimento de valores como a linhagem ou a propriedade; (ii) na relação entre mãe e filho, com a mudança centrada na prioridade

⁵ A situação das mulheres na sociedade portuguesa é exemplificativa da multiplicação e acumulação de factores de desigualdade, podendo referir-se os exemplos da segregação sectorial, profissional e ocupacional no trabalho e a sobrecarga com as tarefas domésticas e responsabilidades familiares, condição potencialmente agravada pela dissolução familiar e falta de acesso a estruturas de apoio social como creches (Guerreiro, 2007, 2001).

⁶ O aumento dos casais que optam pela não-coabitação, isto é, por *living apart together* (LAT) tem recebido uma atenção crescente por parte da sociologia.

atribuída ao bebé e à criança, traduzida na afirmação do amor incondicional aos filhos⁷ e no melhoramento dos cuidados maternos, afirmando-se crescentemente a valorização das práticas de puericultura e médico-pedagógicas; e (iii), na fronteira entre a família e a comunidade, com o enfraquecimento dos intensos laços que ligavam a família à parentela alargada e à comunidade que, frequentemente, se “intrometiam” no sentido da preservação da ordem social. O advento da família moderna passou, então, pela ruptura com aquelas que em tempos foram ligações intensas de dependência e controlo social.

A essência do sentimento amoroso, onde se alicerçam, numa vertente fortemente relacional, as características distintivas da família ocidental moderna - nuclearidade, conjugalidade e domesticidade, substituíam, assim, através da protecção da intimidade familiar e do seu fechamento ao exterior, as normas instrumentais dos modelos familiares precedentes que traduziam uma funcionalidade essencialmente produtiva e reprodutiva da família tradicional, destinada a transmitir património e posição social de geração em geração (Shorter, 1975).

A extensão, intra e intergeracional, e coesão interdependente dos grupos familiares nas sociedades tradicionais garantiam um património de e para as sucessivas gerações através de um pacto de solidariedade que dispensava qualquer tipo de prevenção ou planeamento. Estes laços de dependência, no seio familiar, efectivados pela transmissão de património, são desvalorizados com o advento do capital escolar, como recurso dominante na determinação da posição social⁸, e o alargamento das funções protectoras do estado (Segalen, 1999).

Como explica Sofia Aboim (2006a), num estudo dedicado à transformação das conjugalidades nas sociedades modernas, o movimento de imposição crescente do amor surge num contexto de justificação e ética da conjugalidade e da parentalidade. Impõe-se a visão da família como um espaço de intimidade e de afecto preenchido por relações familiares conjugais e parentais sustentadas na ideia de liberdade e escolha individual com vista à realização de todos os seus membros em função das diferenças que os singularizam.

A afirmação do amor enquanto princípio organizador da instituição matrimonial acontece através da substituição da lógica do casamento por conveniência (e determinação da

⁷ Em linha de convergência com a tese de Áries (1973) sobre o surgimento do amor maternal.

⁸ De facto, a importância do capital fundiário ou financeiro que permitia à família deter o controlo exclusivo no modo de sucessão é diminuta perante as potencialidades crescentes do capital escolar, com a possibilidade da sua transformação em capital social, cultural ou económico (Bourdieu, 1984).

figura paterna) pelo casamento por amor⁹. Assim, a legitimação do casal pela via da escolha amorosa, resulta mais do jogo dinâmico das vontades e necessidades definidas pelo casal em função dos papéis de género e de um modo de relacionamento dependente e fusional, do que da rigidez e inevitabilidade das regras impostas pelo exterior, como acontecia no passado.

Esta ideia de fusionalidade, vinculada à priorização da harmonia e equilíbrio interno da relação entre o casal como garantia da sua própria sobrevivência, num quadro de perda de influência da parentela alargada enquanto fonte de recursos e de controlo social, constitui uma expressão forte do amor romântico, e encontra-se presente nas leituras funcionalistas da adaptação da família moderna ao novo sistema social industrializado e urbanizado. A diferenciação assimétrica das funções de homens e mulheres na sociedade é reproduzida no seio da família, por via da socialização dos papéis de género, representando a chave do funcionamento do casal moderno e da perpetuação da instituição matrimonial: a figura masculina assegura a componente instrumental da família, garantindo a sua subsistência através do trabalho realizado no espaço exterior, e a figura feminina garante a componente expressiva, salvaguardando o bem-estar e a harmonia familiar (Segalen, 1999).

Mas a divisão social e familiar do trabalho, que acompanhou o surgimento das sociedades modernas, é fortemente questionada a partir da segunda metade do século XX. As escolhas individuais das mulheres apontam para a libertação face à maternidade indesejada e aos condicionalismos de uma sexualidade demasiado ligada à procriação, mudança propiciada pela revolução contraceptiva, bem como para a emancipação económica e afirmação na esfera profissional e no espaço público em geral, motivada pela crescente escolarização, pela entrada massiva no mercado de trabalho e também pela conquista e consolidação de direitos de cidadania (Beck e Beck-Gernsheim, 2006 e Giddens, 1996).

Paralelamente às transformações de papéis e normas sociais respeitantes aos modos de ser e de dever ser mulher e homem, organizando identidades, representações e práticas diferenciadas em função das condições sociais de existência (Amâncio, 1998), surgem nas sociedades ocidentais tendências mais recentes de transformação da concepção de

⁹ Note-se que uma visão de oposição linear entre a determinação passada dos interesse materiais e a determinação presente do amor, livre de qualquer marca social, é redutora, sendo sabido que existe uma forte tendência de as livres escolhas de parceiros se circunscreverem às posições sociais mais próximas.

conjugalidade e casamento, no sentido da sua flexibilização e mutabilidade, patentes no aumento do divórcio, monoparentalidade, do viver só ou ter filhos fora do casamento.

Com base num levantamento das principais perspectivas de análise das ciências sociais sobre o amor e as relações amorosas, realizado a propósito dos estudos do casamento e do divórcio, Anália Torres (2004) conclui que a relação entre modernidade, individualização e amor e os efeitos da ideia de igualdade entre homens e mulheres na forma como são vividas as relações familiares e conjugais constituem temáticas transversais a diversos autores.

Na sua obra *Transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*, Giddens (1996) avança com uma proposta de explicação dos relacionamentos amorosos a partir da emergência do amor confluyente e da relação pura na modernidade tardia. Com a capacitação crescente dos indivíduos para uma participação mais activa na definição da sua própria identidade e o enfraquecimento das normas e padrões comportamentais abriu-se espaço ao ajustamento e negociação dos quadros normativos e dos papéis sociais adoptados nas relações conjugais. A relação pura surge, então, como um modelo auto-referenciado de relacionamento conjugal tendencialmente dominante, que se organiza em função de critérios definidos pelos parceiros conjugais e em torno da sua ideia de qualidade intrínseca da relação, por oposição à influência e imposição de padrões vindos do exterior. Perante a inexistência de suportes exteriores, a confiança tem de ser desenvolvida com base na intimidade, assumindo uma forma de fé no outro e na sua capacidade para agir com integridade.

A par da emergência da relação pura e das mudanças verificadas no estatuto das mulheres na sociedade, com a aproximação entre papéis sexuais, assiste-se à afirmação do modelo do amor confluyente ou amor-construção¹⁰, com um envolvimento afectivo e emocional equilibrado entre homens e mulheres na construção de relacionamentos crescentemente igualitários, em detrimento da erosão do modelo do amor romântico, no qual a assumpção da responsabilidade por essa componente da relação cabe essencialmente à mulher (Giddens, 1996)¹¹.

¹⁰ Conceito proposto por Anália Torres como mais ajustado à realidade portuguesa.

¹¹ Ao contrário do que acontece com o amor romântico, o amor confluyente e a relação pura em geral não têm uma relação específica com a heterossexualidade.

À semelhança de Giddens, também Beck e Beck-Gernsheim (1995) problematizam a relação entre modernidade e individualização a partir de uma proposta de leitura da centralidade do amor nas sociedades modernas. Substituindo o papel desempenhado pelas religiões no passado, as relações íntimas e amorosas funcionam nas sociedades modernas como um refúgio e uma fonte de potencial crescimento, gratificação e estabilidade, que permite fazer face à perda de sentido e ao sentimento de solidão associados à multiplicação fragmentária das possibilidades biográficas individuais e dos grupos de pertença¹².

A proposta de caracterização das mudanças ocorridas na esfera do amor e das relações amorosas e, particularmente, da modernização da conjugalidade, através da substituição da lógica institucionalista de diferenciação sexual e orientação para a reprodução do grupo familiar (patentes na “família instituição” e “casal cadeia”), pelos modelos mais igualitários de aliança, fusão ou mesmo associação, orientados para a realização conjugal e pessoal (implícitos às noções de “família companheirismo”, “família clube” e “casal duo”)¹³, esteve na base da realização de diversos estudos extensivos, desde a década de 1970 que, perspectivando o amor e a intimidade como territórios-chave da construção e significação das trajetórias individuais, procuraram definir estilos de interacção conjugal ou tipos de funcionamento dos casais contemporâneos (Segalen, 1999).

As pesquisas desenvolvidas ao longo dos últimos anos permitiram revelar a variedade de tipos de relacionamento conjugal e familiar característicos das sociedades contemporâneas e reforçar a correlação existente com o estatuto social, isto é, com os recursos culturais, sociais e económicos à disposição dos casais, por oposição à ideia de convergência de práticas em torno de um único modelo de interacção conjugal (Widmer, Kellerhals e Levy, 2006).

A construção de tipologias conjugais modernas mobilizou alguns conceitos-chave abordados ao longo do texto, que importa agora sistematizar enquanto principais eixos de análise das formas de relacionamento amoroso dos casais: (i) a coesão, traduzida no grau de autonomia versus fusão dos recursos individuais (ideias, tempo, dinheiro, actividades, entre

¹² A este propósito Singly (1996) destaca como principal função da conjugalidade moderna a centralização do processo de construção da identidade pessoal. A selecção e hierarquização das escolhas do grupo conjugal ou familiar nas sociedades contemporâneas estabelece um princípio de orientação e significação da acção individual que, contribuindo para a construção da sua unidade, representa a chave da auto-revelação dos indivíduos.

¹³ A diversidade de formas de vivência da conjugalidade contidas entre estes dois pólos do eixo fusão-autonomia constitui uma realidade histórica e socialmente condicionada, verificando-se, no quadro de progressiva individualização das relações amorosas, a adopção de lógicas de grande autonomia individual por parte das franjas mais jovens e socialmente privilegiadas (Beck e Beck-Gernsheim, 1995 e Giddens, 1996).

outros), caracteriza a relação entre os elementos do casal ou do grupo familiar, permitindo distinguir entre a busca do equilíbrio pela autenticidade e autonomia individual, ou pelas similitudes e consensos; a (ii) integração externa, medida pelo grau de abertura versus fechamento do casal ou família, define a relação com o espaço envolvente através da circulação de pessoas e intensidade das trocas realizadas entre o interior e o exterior, opondo a uma atitude de valorização da passagem de energia e informação, uma atitude protectora do “ninho”; a (iii) regulação, centrada nos eixos diferenciação/indiferenciação dos papéis conjugais e ritualização/negociação da vida do casal, remete para o grau de rigidez do sistema de organização conjugal e familiar, determinando em que medida funções específicas são diferentemente atribuídas a ambos os géneros, opondo uma troca baseada em códigos pré-estabelecidos a uma negociação baseada na comunicação, e em que medida a vida familiar diária é gerida por normas específicas e restritivas; e, por último, (iv) a orientação da família prende-se com a prioridade atribuída aos objectivos de integração social e sucesso económico do grupo - orientação instrumental, ou com a satisfação afectiva e relacional dos seus elementos - orientação expressiva (Aboim, 2006a).

1.3. Os desafios do amor e das relações amorosas na contemporaneidade

Como já vimos, as alterações verificadas nas relações familiares e conjugais a partir da segunda metade do século XX, resultantes da intensificação dos efeitos da modernidade, reforçam agora as orientações normativas legitimadoras da igualdade de género, da qualidade das relações e do primado da afectividade, da democraticidade da vida familiar e conjugal, e da realização pessoal, apontando para um impasse do indivíduo que, na busca do *self* e da autodeterminação, se vê confrontado com a necessidade de escolher entre as gratificações de uma vida em casal e a liberdade individual¹⁴.

Segundo Sofia Aboim, “as novas tendências dos comportamentos familiares apontam para formas mais complexas de combinar realização afectiva e conjugalidade, parentalidade e família. A crescente autonomia e igualdade das mulheres, a importância da realização profissional e social, o questionamento dos papéis tradicionais, a erotização da conjugalidade

¹⁴ Singly (2000) alude à ideia de vida dupla enquanto paradoxo do individualismo contemporâneo.

ou a informalização das formas de constituição do casal e da família, a par da diminuição do controlo social e do alargamento do leque de comportamentos socialmente aceites, são tendências em curso na esfera da família, criando novos ideários de afectividade, de relação, de igualdade de género, e também, por consequência, renovadas “tensões” entre a construção da individualidade e a pertença feliz ao duo conjugal e ao grupo familiar, que se deseja afectivo, íntimo e permanentemente negociado” (Aboim, 2006a: 46).

Mas será possível ultrapassar as dificuldades e desafios complexos impostos pelo confronto de interesses existente entre conjugalidade, amor, e liberdade pessoal?

A tese do *Caos Normal do Amor*, proposta por Beck e Beck-Gernsheim (1995) a propósito deste conflito de interesses, um dos paradoxos mais marcantes da era que vivemos, que se traduz pela necessidade de concretização simultânea dos ideais de liberdade, autonomia e integração conjugal, remete para a luta de estatuto de género e para as questões da emancipação e da igualdade de direitos como uma questão central das sociedades modernas¹⁵.

Pese embora o amor possa surgir, efectivamente, como um lugar de transcendência e de resistência à violência simbólica na relação entre homens e mulheres, funcionando até, em condições muito restritas, como um factor de neutralização da dominação masculina (Bourdieu, 1999), Beck e Beck-Gernsheim (1995) reforçam a contradição patente na persistência dessa dominação em contextos marcados pela rejeição normativa da desigualdade de género. O ideal de igualitarismo esbarra, assim, nas desigualdades concretas que, encontrando-se profundamente enraizadas na estrutura social envolvente são continuamente legitimadas. A forma como são repartidas as tarefas e a detenção do poder no casal constituem dois domínios de grande tensão no âmbito dos relacionamentos amorosos pós-modernos.

Segundo os autores, o processo de individualização que empurra as mulheres para o abandono do antigo papel de prestadoras de cuidados, buscando uma nova identidade social que lhes permita assegurar a sobrevivência económica¹⁶, não é compensado pela mudança do

¹⁵ Beck e Beck-Gernsheim (1995) chegam a falar da substituição da luta de classes pela luta de género em contextos de elevado nível de prosperidade e segurança social, marcados pela consolidação da paz e dos direitos democráticos, onde emergem fortes contradições entre as exigências familiares e a liberdade pessoal ou o amor.

¹⁶ Este fenómeno encontra-se relacionado com a liberdade demográfica, pela via do aumento da esperança de vida e impacto na definição das autobiografias; desvalorização do trabalho doméstico, decorrente do isolamento social e automação crescentes, que conduz à procura de realização pessoal fora de casa; importância da contraceção e da legalização do aborto conduzindo ao enfraquecimento do imperativo da maternidade; aumento do divórcio e consequente demonstração da fragilidade do suporte matrimonial e igualdade de oportunidades na educação enquanto alavanca para a entrada no mercado de trabalho (Beck e Beck-Gernsheim, 1995).

estereótipo masculino de homem-carreira financeiramente auto-suficiente e cujos deveres de paternidade se podem reduzir a pequenas participações em actividades lúdicas com os filhos. Os homens são retardatários nas transições actualmente em curso (Giddens, 1996), com a necessidade imperiosa de afirmação no mercado de trabalho imposta pela própria individualização a reforçar o papel masculino de trabalhador independente, pouco acessível emocionalmente, e a encorajar a continuidade de comportamentos tradicionalmente prescritos (Beck e Beck-Gernsheim, 1995).

Giddens lembra que:

“A igualdade é um elemento intrínseco na transformação da intimidade, como o é a possibilidade da comunicação. A raiva masculina contra as mulheres é hoje, numa medida substancial, uma reacção contra a auto-afirmação feminina em casa, no trabalho e noutros lugares. As mulheres zangam-se por sua vez, com os homens, devido aos subtis e não tão subtis modos através dos quais eles lhes negam os privilégios materiais que reclamam para si próprios. Pobreza económica para as mulheres, pobreza emocional para os homens: é este o estado do jogo da relação entre os sexos ?” (Giddens,1996:103).

À medida que as identidades sociais tradicionais vão enfraquecendo, os antagonismos entre mulheres e homens sobre os papéis de género emergem no coração da esfera privada, tornando o amor desagradável, sobrecarregado por expectativas e frustrações, pelo contraste entre a retórica da igualdade entre homens e mulheres e a dimensão bem menos igualitária das práticas existentes.

O amor é mais importante que tudo, mas não parece ser viável e como resultado dessa ambivalência, mulheres e homens vivem actualmente numa busca incessante pela melhor forma de viver as relações amorosas, coabitação, o divórcio ou o casamento contratualizado, lutando para coordenar família e carreira, amor, sexo e casamento, novos modelos de maternidade e paternidade, amizade e companheirismo, deixando em aberto a possibilidade de sobrevivência do amor à libertação feminina¹⁷ (Beck e Beck-Gernsheim 1995). Neste movimento experimentalista de relacionamentos íntimos, organizado por um modelo dominante de amor que deixa de ser eterno, único e exclusivo para se tornar activo e contingente

¹⁷ As mulheres já não querem só amor, procuram o prazer sexual como componente fundamental das suas vidas e das suas relações, e os homens já não querem só sexo, querem também amor, ainda que a sua exclusão da transformação da intimidade, motivada pela posição no domínio público, possa induzir aparentemente, à ideia contrária.

(Giddens, 1996), a crescente autonomia das mulheres face aos seus companheiros e o questionamento dos papéis sociais e padrões de conduta mais tradicionais podem ser interpretados à luz das propostas de Bourdieu (2001a, 2001b).

Tal como noutras esferas do espaço social, também no campo do amor e das relações amorosas existem disputas pela posse e reprodução dos recursos que lhe são específicos, isto é pelo poder.¹⁸ Isto acontece porque o capital é desigualmente distribuído originando posições dominantes e dominadas e determinando a própria estrutura do campo social, estrutura esta que resulta do estado de uma relação de força histórica entre as partes envolvidas, sejam elas indivíduos ou instituições.

As estratégias adoptadas face à relação de força existente assumem, frequentemente, um objectivo de conservação, no caso dos dominantes, e um objectivo de subversão, no caso dos dominados. Contudo, identifica-se pelo menos um interesse comum às partes envolvidas que se prende com a própria existência e continuidade do campo, pelo que é partilhada uma cumplicidade objectiva na concretização do amor e das relações amorosas.

Como vimos antes, as tensões geradas pelo movimento de individualização na vida sentimental reflectem um confronto entre expectativas e papéis sociais, entre discursos e práticas. Com a crescente legitimação da autonomia e auto-determinação dos indivíduos, diminui a disponibilidade para aceitar as soluções oferecidas pelas gerações anteriores, como a adaptação das raparigas e mulheres aos namorados ou maridos e o sacrifício de interesses próprios em nome da harmonia e da eternização do amor, aumentando o questionamento e confronto de normas e padrões de comportamento mais ou menos tradicionalistas. Essa confrontação de expectativas e escolhas nem sempre é pacífica, com a determinação das regras e do poder na esfera da intimidade a constituir uma fonte de tensão, conflitos e até violência, nas suas diversas formas, entre os elementos do casal.

Num quadro de consolidação de direitos e afirmação dos valores de igualdade entre homens e mulheres, a crescente visibilidade e sensibilização face à problemática da violência física, psicológica e sexual nos relacionamentos íntimos¹⁹ tem-se traduzido no aprofundamento

¹⁸ Para além de um jogo, o amor é também um exercício de poder orientado sobre o saber e o sentir de outros que, segundo José Machado Pais (1998), deve explorado pela sociologia.

¹⁹ Têm sido realizadas pesquisas tanto ao nível internacional, como nacional que incidiram sobretudo, numa primeira fase, na violência conjugal associada ao casamento ou a situações de coabitação, tendo-se alargado nos

de duas linhas teórico-conceituais complementares: por um lado, a conceptualização da violência como questão de género, entendida enquanto manifestação da opressão das mulheres numa sociedade patriarcal, com um modelo teórico que coloca o homem no papel de agressor, detentor do poder que exerce coerciva, sistemática e exponencialmente sobre a mulher que, numa posição de subordinação, é a vítima; por outro lado, a exploração da dupla vertente da violência masculina e feminina, com enfoque na dinâmica da unidade familiar e conugal, perspectivando-a como um recurso que se encontra ao dispor de homens e mulheres e que pode ser accionado por um conflito específico ou uma série de tensões conjugais, sem que corresponda a nenhuma tipificação de situações de perda de poder ou de controlo de frequência e intensidade crescentes.

E se a existência de dominação de um dos parceiros na relação amorosa implica sempre um risco acrescido de violência por parte do parceiro dominante, para assegurar a sua posição de dominância, e do parceiro dominado que procura aceder a algo que lhe é vedado pelo parceiro dominador, ou à própria mudança na estrutura de poder, a explicação das situações de violência pode não remeter para a questão de género e estar antes relacionada com a própria dinâmica conjugal, seja por via da adopção de estilos conjugais antagónicos, dificuldade de estabilização das fronteiras do eu e do nós no seio do casal, organização do trabalho ou expectativas excessivas em relação ao casal e, especificamente, à coabitação (Casimiro, 2002).

últimos anos às camadas mais jovens, no âmbito dos aqui denominados relacionamentos amorosos. Em Portugal são diversas as expressões utilizadas – violência no casal, namoro, relações amorosas ou íntimas, equivalentes às expressões *dating* ou *courtship violence*.

Capítulo 2 – O amor e as relações amorosas dos jovens portugueses

2.1. Breve contextualização da sociedade portuguesa

Encontramos na sociedade portuguesa uma combinação de alguns traços tradicionalistas com a emergência de tendências de individualização e modernização que, resultando das transformações ocorridas ao longo das últimas décadas – *Processos de uma Modernidade Inacabada*, nas palavras de Fernando Luís Machado e António Firmino da Costa (1998), se encontram patentes na forma como os diferentes grupos sociais se posicionam face às instituições de (re)produção social, organizando as suas práticas e representações.

A par da reconfiguração espacial, caracterizada pela forte litoralização do desenvolvimento urbano, e da reorganização das actividades económicas, marcada pela terciarização e feminização crescentes da população activa, ocorreram processos importantes de recomposição da estrutura de classes da sociedade portuguesa, intimamente ligados à generalização da escolaridade e importância crescente das categorias profissionais mais qualificadas na estrutura socioprofissional. Essa recomposição da estrutura de classes pode ser resumida em cinco movimentos principais: i) decréscimo acentuado das fracções de classe ligadas à agricultura, acompanhado pela persistência de situações de pluriactividade sobretudo nas zonas de industrialização difusa; ii) lento, mas irreversível, processo de diminuição dos operários industriais (caracterizados por um predomínio masculino e por baixos níveis de escolaridade); iii) aumento progressivo dos empregados executantes (onde existe um predomínio feminino e os níveis de escolaridade são mais elevados); iv) crescimento moderado dos trabalhadores independentes e sua progressiva feminização (caracterizando, por um lado, a trajectória descendente de um segmento de matriz tradicional, pouco escolarizado e fortemente envelhecido e, por outro lado, a trajectória ascendente de um segmento de profissionalização mais formal, mais escolarizado e mais jovem) e, por último o v) forte crescimento das duas categorias dominantes na estrutura de classes determinante para o protagonismo que as classes médias urbanas assumiram na estrutura de classes da sociedade portuguesa, mais acentuado no conjunto dos profissionais técnicos e de enquadramento (com um perfil altamente escolarizado,

mais jovem e progressivamente feminizado) do que no caso dos empresários e dirigentes (mais velho, fracamente escolarizado e predominantemente masculino (Machado e Costa, 1998).

Enquadradas por uma linha de consolidação de fenómenos de nuclearização e individualização da vida familiar portuguesa ao longo dos últimos anos registaram-se também alterações significativas nas práticas e normas, nos valores e representações sociais dos portugueses face à família e à conjugalidade, salientando-se a democratização das relações no casal, com igualdade de direitos e obrigações, a valorização crescente da qualidade da relação conjugal (aspectos relacionais, comunicacionais e afectivos), a redução do número de filhos, o aumento progressivo da coabitação informal e do divórcio e a alteração do papel tradicional feminino, que indiciam novas formas de viver a intimidade e aproximam o nosso país aos padrões de outras sociedades ocidentais (Wall, 2005).

O retrato dos valores dos portugueses traçado a partir do *European Values Study* (Vala, Cabral e Ramos, 2003) sinaliza as principais linhas de continuidade ou tendências de mudança registadas em Portugal, entre 1990 e 1999, nos domínios da família, conjugalidade e procriação, identificando a diversidade existente em função da pertença sociocultural (Almeida, 2003).

De entre o conjunto maioritário de representações globalmente caracterizadas pela permanência e estabilidade neste intervalo de quase uma década, são destacadas a (i) aceitação maioritária do casamento e algum afastamento, ao nível dos valores, mas sobretudo das práticas, relativamente às novas formas de conjugalidade informal; (ii) consenso em torno da preponderância da dimensão expressiva da relação conjugal como condição para alcançar a felicidade, em detrimento das dimensões materiais ou instrumentais; (iii) clara aceitação dos novos papéis femininos na esfera profissional, combinada com a defesa da relevância da maternidade na realização da mulher e a ponderação dos custos do investimento no mercado de emprego sobre os filhos²⁰; (iv) tolerância expressiva em relação à condição de mãe solteira por vontade própria da mulher; (v) forte peso da concepção de “relações de sangue” pautadas por deveres ou obrigações mútuas universais e incondicionais entre pais e filhos; e, (vi) predomínio dos valores de conformidade social na socialização das crianças.

²⁰ Face à aceitação dos novos papéis femininos profissionais e da partilha de responsabilidades entre marido e mulher fora de casa os portugueses evidenciam atitudes modernas, comparativamente a outros países da Europa mas, por outro lado, mostram-se bem mais tradicionais na defesa da divisão assimétrica entre sexos das tarefas domésticas e de criação dos filhos, onde dificilmente incluem as figuras do marido ou do pai (Almeida, 2003).

A análise comparativa dos dados recolhidos em 1990 e 1999 resulta também na identificação de indícios de mudança no universo dos valores familiares, conjugais e parentais dos portugueses, desde logo associados ao reforço da já elevada importância da família face a outros aspectos da vida, redução significativa do enaltecimento da importância do lar e dos filhos para a realização da mulher e do ideal de família biparental para a socialização de crianças; recuo da ideia de sofrimento das crianças pequenas com o trabalho da mãe fora de casa e aumento da aceitação da decisão de IVG realizada por mulheres não casadas²¹.

Mas o universo dos valores da família e conjugalidade em Portugal não é uma realidade homogénea. Ainda que a maioria das perguntas do estudo tenha gerado um consenso alargado, algumas variáveis de caracterização sócio-demográfica dos inquiridos introduzem diversidade e permitem distinguir contrastes entre grupos minoritários: “as franjas que sobressaem na defesa dos valores mais tradicionais abrangem os inquiridos mais velhos, os menos instruídos, os reformados e as domésticas, os activos directores e dirigentes, trabalhadores agrícolas e operários, residentes na Região Norte e em pequenos aglomerados, com prática religiosa regular (...) enquanto que (...) as franjas da população que tendencialmente se situam na linha da frente da mudança de valores familiares englobam os mais jovens, os mais instruídos (com os percursos de escolaridade mais longos, a frequência do ensino secundário ou superior), os residentes na Região de Lisboa e Vale do Tejo e nos aglomerados de maior dimensão, os activos trabalhadores por conta de outrem e os estudantes, os empregados administrativos e do comércio, as profissões intelectuais e científicas, as profissões liberais ou os técnicos intermédios, sem (ou com rara) prática religiosa”²² (Almeida, 2003: 85).

No mesmo sentido, a condição ou trajectória familiar dos inquiridos pode fornecer pistas à explicação da diversidade de valores familiares e conjugais, não sendo indiferente o facto de se viver com os pais (com o estatuto de filho) ou se ter constituído grupo doméstico próprio, ser casado/coabitante ou solteiro/separado/divorciado, viver em união de facto ou ser casado e ter filhos ou não, com as franjas orientadas para mudança de valores a ser

²¹ Pese embora os sinais de mudança identificados, a comparação dos resultados obtidos com a média da UE permite concluir que os portugueses assumem uma postura bastante conservadora no que respeita à socialização das crianças e muito tradicionais na recusa da IVG por vontade do casal (Almeida, 2003).

²² Destaca-se aqui a influência do papel determinante da escola enquanto veículo formal e informal de modernização de atitudes, abertura à racionalização e pluralidade de valores sobre a vida e a família.

caracterizadas pela sobrerrepresentação de inquiridos solteiros e divorciados/separados, os que vivem juntos sem serem casados²³ e os que não têm filhos (Almeida, 2003).

Maria das Dores Guerreiro e Pedro Abrantes (2007) analisaram, com base numa investigação de âmbito europeu, as *Transições Incertas* para a vida adulta, procurando perceber as condições e histórias de vida, práticas e representações, projectos e expectativas dos jovens portugueses (18-30 anos) acerca da educação, trabalho, família e género²⁴.

Apesar das tendências de diversificação e complexificação da transição para a vida adulta na sociedade portuguesa, constituída por percursos “a dois tempos”, num primeiro momento livres de preocupações e dedicados a experiências e aventuras e, num segundo período, orientados para a estabilidade e responsabilidade dos projectos de casamento e filhos, os resultados da pesquisa permitiram identificar a configuração de “padrões de transição” assentes nos efeitos combinados das origens sociais, percursos de escolaridade, oportunidades e condições de emprego, modelos culturais, papéis de género e redes de apoio formais e informais. Segundo os autores podem distinguir-se (i) “transições profissionais”, de origem social diversificada, escolaridade elevada e forte integração profissional, residência em casa dos pais e orientação para o trabalho; (ii) “transições lúdicas”, associadas a classes médias/altas, com escolaridade intermédia a elevada, integração profissional instável, residência em casa dos pais e orientação para o lazer; (iii) “transições experimentais”, associadas a classes médias/altas, com escolaridade elevada, integração profissional regular/instável, residência em espaços transitórios e orientação para o *self*; (iv) “transições progressivas”, com origem social e escolaridade diversificadas, integração profissional progressiva, residência em casa dos pais e orientação para o futuro; (v) “transições precoces”, associadas a classes sociais desfavorecidas, baixa escolaridade, integração profissional instável, residência em casa própria e orientação para a responsabilidade familiar; (vi) as “transições precárias”, com origem social desfavorecida, baixa escolaridade, integração

²³ Com um peso estatisticamente muito reduzido em Portugal, o grupo de coabitantes informais apresenta um maior afastamento em relação à sobreposição da família por comparação a outros aspectos da vida, valorização do casal como condição da felicidade individual e do casamento-instituição, parentalização das identidades feminina e masculina, revelando uma maior proximidade face à monoparentalidade voluntária e à IVG em situação de decisão do casal, ou de não casamento do casal.

²⁴ Numa alusão ao contexto de imprevisibilidade que caracteriza as sociedades ocidentais contemporâneas, os autores propõem o conceito de “transições incertas” com o objectivo de dar conta tanto da multiplicidade de vias disponíveis, como da incapacidade prolongada de superação dos contextos sociais precários e de risco em que se movimentam alguns jovens portugueses.

profissional instável, residência em casa dos pais e orientação adaptativa; e, (vii) “transições desestruturantes”, associadas a classes sociais desfavorecidas, escolaridade baixa/intermédia, integração profissional periférica, residência em espaços transitórios e orientação para a sobrevivência (Guerreiro e Abrantes, 2007).

No que diz respeito especificamente às questões de género, o actual processo de transição para a vida adulta na sociedade portuguesa reflecte, desde logo, a duplicidade de um movimento de transformação profunda dos papéis de género, no sentido da convergência de valores, expectativas e práticas, com a persistência de diferenças e assimetrias socialmente enraizadas.

A pesquisa realizada revelou uma construção *genderizada* de orientações e prioridades por parte dos jovens portugueses, com a diferenciação entre o sentido de continuidade entre os projectos profissionais e familiares dos rapazes, assente nas responsabilidades de garantia da segurança económica, e as dificuldades sentidas pelas raparigas na conciliação de ambas as esferas, resultantes da assumpção das responsabilidades na vida doméstica.

O argumento biologista da “ordem natural das coisas”, defendido pelos jovens portugueses das classes menos favorecidas e com menos qualificações (e aparentemente ultrapassado pelos rapazes das classes favorecidas que, não apresentando convicções claras a este propósito, não fazem alinhar os seus discursos de defesa das carreiras femininas com a assumpção das responsabilidades domésticas masculinas, focalizando preocupações e prioridades na vida profissional), reserva aos homens preocupações com a actividade profissional e remete para as mulheres as questões da casa, da família e dos afectos, perspectivando-se o trabalho fora de casa apenas como um imperativo orçamental. Estes papéis de género são encarados por raparigas de várias franjas sociais não como uma convicção mas como uma inevitabilidade, com o projecto da vida familiar a impor-se como uma prioridade para as jovens e a coexistir, em muitos casos mal, com o crescimento das aspirações escolares e profissionais.

Para um grupo significativo de raparigas de perfil socioprofissional privilegiado que não vêem a vida familiar como conciliável com as exigências de quotidianos e aspirações profissionais, a solução decalorada passa por uma recusa, ou pelo menos adiamento a curto prazo, da concretização do projecto familiar (Guerreiro e Abrantes, 2007).

Num inquérito nacional à população portuguesa juvenil (15-29 anos) publicado em 1998 sob a coordenação de Manuel Villaverde Cabral e José Machado Pais, no âmbito do qual se procurou conhecer as práticas e representações da conjugalidade e da sexualidade dos jovens portugueses (Vasconcelos, 1998) foi possível constatar que, embora os modelos conjugais veiculados por grande parte dos inquiridos aceitem a possibilidade de coabitação informal e divórcio, traduzindo a perda de importância da ligação formal entre os cônjuges, persiste alguma linearidade dos modelos de transição para a idade adulta, com a clara identificação de um ciclo de vida padrão em que os jovens saem da família de origem para construir uma nova família concretizada através do casamento. Mas se o casamento parece permanecer, assim, enquanto desejo e futuro perspectivado pela maioria dos jovens portugueses, o mesmo não acontece com as fases de namoro e de coabitação informal, marcadas por um princípio de reversibilidade e experimentação, sobretudo no domínio da sexualidade.

De facto, os jovens experienciam e representam a sexualidade de uma forma bastante mais livre do que as gerações passadas, onde prevalecia uma moral sexual mais conservadora e institucionalizadora, transportando uma ética sexual moderna da realização pessoal, mais experimentalista e fragmentada, marcada por uma crescente aproximação entre as atitudes e comportamentos sexuais e afectivos de homens e mulheres (Pais, 1998). Verifica-se assim o esbatimento do duplo-padrão sexual existente na sociedade portuguesa resultante da oposição entre uma sexualidade masculina compulsiva e dominadora e uma sexualidade feminina que se mantém constringida e dominada, apesar da possibilidade legitimada de uma sexualidade juvenil e pré-matrimonial (Vasconcelos, 1998).

As práticas e discursos dos jovens não são socialmente indiferenciadas podendo verificar-se que quanto mais se avança de um eixo socialmente desfavorecido para um eixo socialmente favorecido, mais se avança também de posições e atitudes mais tradicionalistas para posições e atitudes modernistas²⁵.

No que diz respeito especificamente à violência na intimidade juvenil, Caridade e Machado (2006) sistematizam os principais resultados das pesquisas realizadas sobre esta

²⁵ Foram identificados três grandes grupos juvenis de posicionamento face à conjugalidade e sexualidade: tradicionalista, caracterizado por jovens menos escolarizados, de estatuto social baixo e religiosamente empenhados, representando 20% a 25% da amostra; modernista, constituído por jovens mais escolarizados, coabitantes informais ou divorciados/separados de estatuto social mais elevado e não religiosos, correspondendo a 35% a 40% e o grupo de transição, agregando posições intermédias da amostra num agrupamento de 35% a 40%.

temática, verificando-se que as conclusões dos estudos nacionais vêm reforçar os resultados obtidos nos estudos internacionais.

Em Portugal, a pesquisa tem incidido sobretudo na determinação da prevalência da perpetração e vitimização dos diferentes tipos de abuso - físicos, psicológicos e sexuais - nas relações amorosas de grupos etários e sociais distintos, bem como na investigação sobre a forma como os jovens interpretam e atribuem sentido a esses abusos experienciados na intimidade, destacando-se os estudos realizados por Machado, Matos e Moreira (2003) e por Paiva Figueiredo (2004) com jovens universitários que, identificando a existência de agressões mútuas nas relações amorosas entre mulheres e homens, nas camadas juvenis portuguesas²⁶, vêm reforçar a ideia de que nem sempre o homem assume o papel de agressor e a mulher de vítima.

Contudo, a comparação dos resultados obtidos em contexto de namoro e coabitação conjugal (Machado, Matos e Moreira, 2003) aponta para conclusões diferenciadas sobre a influência da variável género na configuração da violência: se não existem diferenças de género significativas no contexto das relações amorosas dos jovens universitários, o mesmo não acontece nas relações de tipo conjugal, com as mulheres a surgirem mais frequente e severamente associadas à vitimação. Esta discrepância poderá relacionar-se quer com a diferença etária entre amostras e efeito da partilha de crenças mais igualitárias entre a população mais jovem, bem como com as transformações estruturais frequentemente associadas ao casamento e à coabitação, entre as quais o maior controlo familiar, o surgimento dos filhos, a dependência económica ou o estereótipo do chefe de família, que alteram as relações de poder estabelecidas entre o casal num movimento de aproximação dos modelos tradicionais de relacionamento de género (Caridade e Machado, 2006).

O cruzamento das práticas e representações dos jovens portugueses sobre a violência nas relações amorosas é, de facto, fundamental para aprofundar os conhecimentos sobre este fenómeno.

No âmbito do estudo da legitimidade da violência, verifica-se a existência de uma baixa concordância com o recurso à violência nas relações amorosas por parte dos adolescentes,

²⁶ Deve notar-se que, no âmbito específico das agressões sexuais, a esmagadora maioria dos casos estudados nacional e internacionalmente prendem-se com situações de violência exercida por homens sobre mulheres. (Caridade e Machado, 2006)

tanto do sexo feminino como do sexo masculino, facto que poderá ser explicado pelo enfoque crescente dos meios de comunicação social e das escolas na prevenção destes fenómenos. Pese embora a atitude geral de reprovação da violência, persistem algumas crenças legitimadoras, sobretudo entre os rapazes (cujos discursos apontam para a justificabilidade em função dos comportamentos das mulheres, preservação da privacidade da família, atribuição causal externa e falta de controlo do agressor, como o consumo de álcool ou a pobreza ou minimização da pequena violência) que atenuam os efeitos da censura existente, reproduzindo a legitimidade de algumas condutas abusivas. O ciúme e a revolta, sentimentos associados a um certo misticismo do romance, no âmbito do qual os papéis de género são exacerbados, contribuem para a particular vulnerabilidade dos jovens à violência, justificando a aprovação de determinados abusos infligidos pelos parceiros (Caridade e Machado, 2006).

2.2. Configuração do modelo de análise

Como já vimos, o movimento de transformação das sociedades ocidentais contemporâneas, fortemente influenciado pelo modelo dominante de amor, tem assumido na sociedade portuguesa uma configuração marcada pela coexistência de traços tradicionalistas e pela emergência de algumas tendências de individualização e modernização da vida social em geral e da vida privada em particular. Este projecto inacabado de modernidade traduz-se na complexificação e diversificação socialmente estruturada dos padrões de valores e comportamentos dos portugueses em relação à família, à conjugalidade, à sexualidade, ao amor e aos relacionamentos amorosos, que se encontra bem patente na forma como se organizam actualmente as transições dos jovens para a vida adulta.

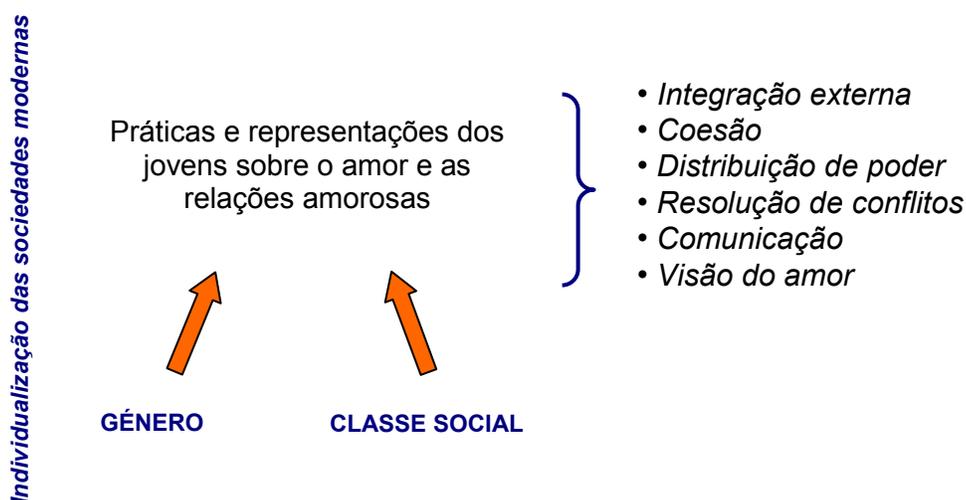
Ainda que não seja transversal a toda a estrutura social, o movimento de adiamento dos projectos de estabilidade e responsabilidade familiar, globalmente organizados em torno do casamento e da constituição de família, permite prolongar o tempo dedicado à vivência de aventuras e multiplicação de experiências no domínio das relações íntimas ou afectivas. E num quadro mais vasto de afirmação dos valores de liberdade individual, realização pessoal, igualdade de género e democraticidade da vida familiar e conjugal, o crescente dinamismo e imprevisibilidade das trajectórias biográficas renova os desafios colocados no domínio do amor e dos relacionamentos amorosos que podem funcionar tanto como um refúgio para o

desenvolvimento pessoal, uma fonte de segurança, gratificações afectivas e energia para superar os obstáculos encontrados numa gestão mais ou menos experimentalista da vida, como um foco de tensões emergentes da negociação entre a vontade individual e as exigências do casal, a (re)construção dos papéis sexuais e a partilha de recursos, entre os quais, o poder.

Sabendo que as camadas mais jovens da população portuguesa se encontram na linha da frente destes processos de mudança social, pretende-se com este estudo conhecer o posicionamento dos jovens portugueses em matéria de relacionamentos amorosos no que diz respeito especificamente às questões da integração externa e coesão do casal, distribuição de poder, formas de resolução de conflitos, estilos de comunicação e visão do amor, procurando identificar a presença de características dos modelos de amor romântico e amor construção.

Nesse seguimento, o ponto de partida da presente investigação remete para um questionamento principal: - *Qual a configuração das práticas e representações dos jovens portugueses sobre o amor e as relações amorosas?*

Figura 2.1 - Modelo de Análise



Não sendo a juventude uma categoria social homogénea, mas antes uma condição social internamente diferenciada, na medida em que diferentes inserções objectivas sujeitam os jovens a diferentes processos de socialização, estruturando valores e atitudes, importa perceber em que medida o género e a classe social influenciam as práticas e representações dos jovens

sobre o amor e as relações amorosas. Nesse seguimento, foram constituídas algumas hipóteses de trabalho a testar:

Hipótese 1: *As práticas e representações dos jovens portugueses sobre o amor e as relações amorosas variam em função do sexo*

Hipótese 2: *As práticas e representações dos jovens portugueses sobre o amor e as relações amorosas variam em função da classe social*

Partindo-se destas hipóteses procurar-se-á perceber em que medida o género e a classe social permitem distinguir padrões de práticas e representações específicos sobre o amor e as relações amorosas, e em que medida é possível identificar nestes padrões a presença de traços modernistas associados ao modelo de amor confluyente e de relação pura.

2.3. Procedimentos metodológicos

A estratégia metodológica adoptada no estudo das práticas e representações dos jovens portugueses sobre o amor e as relações amorosas assentou numa pesquisa empírica de natureza quantitativa, com recurso à realização de um inquérito por questionário²⁷ que permitiu a recolha extensiva de informação necessária à concretização dos objectivos da investigação, posteriormente submetida a tratamento e análise estatística do software informático SPSS - Statistical Package for the Social Sciences.

Não tendo sido possível garantir a representatividade da população juvenil a frequentar o ensino secundário ou equivalente na região de Lisboa²⁸, as escolas e os cursos abrangidos na amostra resultaram da disponibilidade demonstrada em tempo útil para a participação no estudo e caracterizam-se por uma tipologia específica de ensino (cursos profissionais de dupla certificação, com equivalência ao 12º ano de escolaridade e certificação profissional de nível III), integrando áreas formativas diversas.

²⁷ Guião em anexo.

²⁸ A escolha da população escolar da área de Lisboa decorreu da facilitação logística do processo de recolha de informação e a opção pelo nível de ensino secundário, ou equivalente, prendeu-se com a definição de uma idade mínima considerada razoável tendo em conta as matérias em estudo, tendo-se assumido que grande parte dos jovens com 15 anos de idade já tiveram alguma experiência de relacionamento amoroso.

Pese embora a predominância de alunos do sexo masculino (explicada pela própria masculinização do ensino profissional em Portugal, particularmente acentuada nalgumas das áreas formativas abrangidas), foi reunida uma amostra com dimensão (N=338) e características consideradas aceitáveis face aos objectivos exploratórios da pesquisa que dependiam, essencialmente, da abrangência de alunos com idade igual ou superior a 15 anos, de ambos os sexos e contextos sociais de origem diversificados.

O instrumento de recolha de informação foi construído com preocupações de adaptação da linguagem ao público-alvo da inquirição e o seu preenchimento foi ensaiado junto de alguns jovens de idades aproximadas, o que permitiu introduzir alguns ajustamentos à versão do questionário posteriormente validada pelos serviços do Ministério da Educação²⁹. Contudo não foi possível realizar um pré-teste que, simulando o processo de recolha de informação nas escolas, permitisse o seu aperfeiçoamento.

O inquérito decorreu durante as visitas realizadas pela investigadora, entre Junho e Julho de 2010, às escolas profissionais participantes – INETE, Escola Digital, INEtese e EPAD, em contexto de sala de aula, com acompanhamento presencial para enquadramento do estudo e esclarecimento de dúvidas.

Para finalizar, uma nota metodológica referente à terminologia adoptada ao longo do trabalho e, particularmente, no guião do questionário, dadas as consequências para o tratamento, análise e interpretação dos dados. Prende-se com a escolha consciente de uma expressão - “relações amorosas” ou “relacionamentos amorosos” - que caracterizasse as relações afectivas e/ou íntimas dos jovens, de inspiração marcadamente amorosa, não correndo o risco de excluir formas de relacionamento mais informais, como poderia acontecer com a utilização da palavra “namoro”, de utilização mais banal, mas também mais frequentemente associada, pelos jovens, a relacionamentos “sérios”. Não existindo fórmulas perfeitas, assumiu-se, assim, um outro risco, ligado à diversidade de interpretações possíveis da expressão “relação ou relacionamento amoroso” e fundamentado no carácter exploratório da presente pesquisa.

²⁹ Foi obtida autorização do GEPE/ME - Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação do Ministério da Educação, através do sistema MIME - Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar (N.º de Registo 0079900001).

Capítulo 3 – Análise dos resultados

3.1. Caracterização da amostra

A amostra é constituída por um total de 338 alunos (M=215; F=123) do 1º e 2º ano (equivalente ao 10º e 11º ano de escolaridade) de diversos cursos profissionais de escolas da cidade de Lisboa³⁰, com idades compreendidas entre os 15 e os 22 anos. Em maioria na amostra, os rapazes têm um peso relativo superior no grupo etário mais jovem, por oposição à maior representação relativa das raparigas na categoria etária mais elevada.

Quadro 3.1 - Grupo etário por sexo dos inquiridos (%)

Grupo etário	Sexo		Resultados Globais
	Masculino (63,6%)	Feminino (36,4%)	
15-17 anos	36,7	30,1	34,3
18-19 anos	45,1	44,7	45,0
20-22 anos	18,1	25,2	20,7
Total	100,0	100,0	100,0

A larga maioria dos inquiridos têm nacionalidade portuguesa (86,7%), seguida das nacionalidades caboverdiana (3,8%), brasileira (2,7%) e angolana (1,8%), encontrando-se maioritariamente a residir no concelho de Lisboa (27,5%) ou nos concelhos limítrofes de Odivelas (14,5%), Loures (12,4%), Sintra (11,2%) e Oeiras (5,0%), com a mãe e o pai (92,6%), e/ou outros representantes femininos e masculinos (7,4%) .

Olhando o grau de escolaridade e o indicador socioprofissional de classe do pai e da mãe ou outros representantes, bem como o indicador socioprofissional de classe do agregado familiar podemos verificar a diversidade do contexto social de origem dos jovens que integram a amostra (Quadros 3.2 e 3.3).

³⁰ INETE -Técnico de Contabilidade, Técnico de Electrónica e Comunicações, Técnico de Electrónica, Automação e Controlo, Técnico de Energias Renováveis, Técnico de Gestão, Técnico de Gestão de Equipamentos Informáticos, Técnico de Gestão de Programação de Sistemas Informáticos, Técnico de Óptica Ocular; Escola Digital - Técnico de Fotografia, Técnico de Gestão de Equipamentos Informáticos, Técnico de Gestão de Programação de Sistemas Informáticos; Técnico de Informática de Gestão, Técnico de Multimédia; EPAD - Técnico de Apoio à Criança, Técnico de Construção Civil; Técnico de Marketing e Publicidade; Técnico de Organização de Eventos e INEtese - Técnico de Banca e Seguros.

Quadro 3.2 - Grau de escolaridade do pai e mãe ou outros representantes

Grau de escolaridade	Pai (%)	Mãe (%)
Não sabe ler, nem escrever	,4	,3
1º Ciclo do Ensino Básico	24,2	23,3
2º Ciclo do Ensino Básico	9,4	6,8
3º Ciclo do Ensino Básico	24,6	25,9
Ensino Secundário	27,7	29,1
Ensino Superior	13,7	14,6
Total	75,7	100,0

Os recursos escolares disponíveis no agregado dos inquiridos distribuem-se pelos diversos níveis de escolaridade, com peso destacado no 1º ciclo e 3º ciclo do ensino básico e no ensino secundário. Em relação aos recursos socioeconómicos do agregado familiar doméstico destes jovens verifica-se a representação, mais ou menos relevante, dos vários grupos que compõem a estrutura de classes, destacando-se, no topo, a proporção de cerca de 40% de EDL e PTE e, na base, cerca de 20% de OO e Aepl³¹.

Quadro 3.3 - Indicador socioprofissional de classe individual (ISPI) do pai e mãe ou outros representantes, e indicador socioprofissional de classe familiar (ISPF)

ISPI	Pai (%)	Mãe (%)	ISPF	Agr. familiar (%)
EDL	18,4	6,7	EDL	15,2
PTE	18,4	20,6	PTE	26,6
TI	9,8	10,1	TI	5,6
EE	20,5	55,8	Tipl	5,3
OO	32,4	6,7	EE	24,8
AA	,4	-	OO	8,4
Total	100,0	100,0	Aepl	14,2
			Tota	100,0

Nota: EDL: Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais; PTE: Profissionais Técnicos e de Enquadramento; TI: Trabalhadores Independentes; Tipl: Trabalhadores Independentes Pluriactivos; AI: Agricultores Independentes; Aipl: Agricultores Independentes Pluriactivos; EE: Empregados Executantes; OO: Operários; AA: Assalariados Agrícolas; Aepl: Assalariados Executantes Pluriactivos

No que diz respeito especificamente à temática em estudo, a quase totalidade dos jovens inquiridos refere a existência presente (47,9%) ou passada (46,2%) de um relacionamento amoroso, abrangendo, caracterizando-se as actuais ou últimas relações amorosas, cujas práticas constituem objecto de análise do presente estudo, por uma duração muito variável, que inclui períodos de tempo relativamente prolongados: menos de 1 mês

³¹ Verificou-se um número elevado de não respostas no âmbito dos indicadores socioprofissionais de classe individual, correspondendo, no caso do pai ou outro representante, a 27,8% e, no caso da mãe ou outro representante feminino, a 21,0%, e no caso do agregado familiar, a 4,4%. As matrizes de construção dos indicadores socioprofissionais de classe encontram-se em anexo.

(13,7%), entre 1 e 3 meses (22,2%), entre 3 e 6 meses (15,2%), entre 6 e 12 meses (16,8%) e mais de 12 meses (32,1%)³².

3.2. Configuração das práticas e representações dos jovens sobre o amor e as relações amorosas

Perante os resultados inconclusivos das análises em componentes principais (ACP³³), foi decidida a organização termática dos indicadores (afirmações sobre representações e práticas) presentes no questionário, com o intuito de construir um conjunto de índices. Com esses índices (que irão traduzir o posicionamento médio dos inquiridos em cada subconjunto de afirmações), pretende-se resumir a informação recolhida, de forma a obter uma leitura mais clara das representações e práticas dos jovens sobre o amor e as relações amorosas. Nesse sentido, foi calculada uma medida de consistência interna, o Alfa de Cronbach, para cada subconjunto de indicadores, tendo sido decidida a construção dos índices apenas quando o valor dessa medida é de pelo menos 0,5³⁴.

No que diz respeito às práticas dos inquiridos (ver quadro 3.4.), são os domínios da integração externa, relacionada com a influência social e familiar, dominação, ligada ao desequilíbrio e imposição de poder no seio do casal, e negociação, rementendo para a participação na tomada de decisão, aqueles que apresentam uma fiabilidade menos acentuada (mas ainda assim aceitável), por oposição às dimensões de análise ligadas à fusão, respeitante a uma partilha acentuada de recursos entre os elementos do casal, e comunicação activa, na abertura e dinamismo do estilo de comunicação adoptado, que reforçam a consistência do modelo adoptado.

³² De acordo com a informação disponibilizada pelos inquiridos, cerca de 3,8% dos relacionamentos actuais ou últimos envolveram elementos do mesmo sexo (1,6% do sexo masculino e 2,2% do sexo feminino). Importa, contudo, ter em conta uma provável subrepresentação na amostra, motivada pelo próprio contexto de recolha de informação - sala de aula, sendo que a questão relativa ao sexo da pessoa com quem se tem/teve o relacionamento amoroso constituiu um mote frequente de comentários e brincadeiras.

³³ Foram realizadas várias tentativas, com abrangência global e parcial dos indicadores de práticas e representações considerados no guião do questionário.

³⁴ Em ciências sociais o valor mínimo aceitável para o Alfa de Cronbach é habitualmente de 0,6, embora alguns autores defendam que deverá ser de pelo menos 0,7. A decisão de considerar, no quadro desta pesquisa, um valor mínimo de 0,5 prende-se, essencialmente, com o carácter exploratório do estudo. Por esta razão, alguns indicadores/dimensões que integram o guião do questionário não foram incluídos na presente análise, remetendo-se para um trabalho posterior o aprofundamento das questões ligadas à sexualidade e diferenciação de papéis de género.

Quadro 3.4 - Avaliação da fiabilidade das dimensões de análise das práticas

Dimensões de análise das práticas	Alfa de Cronbach	Variáveis originais*
Integração externa	0,5	Na escolha do/a parceiro/a amoroso/a pesou o facto de se tratar de alguém com idêntica condição social Na decisão de prosseguir esta relação amorosa contou o facto de ser aceite pelos meus pais Na relação amorosa tentamos corresponder às expectativas dos outros e agir em função do que é socialmente aceite.
Fusão/ Dependência	0,7	Independentemente do que possa acontecer, tenho a certeza de que continuarei a apostar nesta relação Passo todo o tempo em que não estou a estudar e/ou trabalhar com ele/ela Sinto que tenho que lhe prestar contas de tudo o que faço Eu acho que na minha relação há uma certa dependência entre mim e ele/ela A minha relação amorosa assenta no compromisso e partilha total entre os dois Só me sinto completo/a quando estou com ele/ela Na relação amorosa, eu ele/ela temos projectos de futuro semelhantes Na relação amorosa passamos o máximo de tempo possível só nós os dois
Autonomia/ Independência	0,6	Sinto que não tenho a obrigação de lhe contar tudo o que faço Na minha relação amorosa é valorizada a autonomia e liberdade individual de cada um/uma Para mim a relação só faz sentido se individualmente nos sentirmos os dois felizes Neste momento, a relação amorosa é a ideal, mas no futuro não sei Ainda que seja importante, a minha relação amorosa é apenas uma parte da minha vida Eu gosto muito dele/dela mas não deixo de ter as minhas condições para continuar nesta relação
Dominação/ Assimetria de poder	0,5	Na relação amorosa sou eu que tomo mais vezes as decisões em matérias que têm consequências para os dois Os conflitos da relação amorosa geralmente terminam com a imposição da minha vontade Nalguns conflitos da relação amorosa existe um certo descontrolo e acabam por ser utilizadas medidas mais extremas (ameaças, estaladas, humilhação, empurrões, entre outras)
Negociação /Simetria de poder/	0,5	As regras do funcionamento da nossa relação são definidas por negociação entre nós os dois Os conflitos da relação amorosa são sempre resolvidos através da negociação A divisão do poder na relação amorosa é totalmente equilibrada entre nós os dois
Comunicação activa	0,7	A comunicação é livre e aberta na minha relação amorosa Tenho abertura para ouvir o que ele/ela tem para dizer, mesmo quando não concordo Na relação amorosa conversamos sempre sobre todos os assuntos

* Escala tipo Likert: 1-Discordo totalmente; 2-Discordo; 3-Não concordo, nem discordo; 4-Concordo; 5-Concordo totalmente

Quanto às representações sobre o amor e as relações amorosas em geral (ver quadro 3.5) existe uma maior homogeneidade nos valores da estatística da fiabilidade (0,5-0,6) que

fundamenta uma distinção da visão do amor nas vertentes de dominação, negociação, segurança e experimentação.

Quadro 3.5 - Avaliação da fiabilidade das dimensões de análise das representações

Dimensões de análise das representações	Alfa de Cronbach	Variáveis originais*
Dominação/ Assimetria de poder	0,6	As relações amorosas são uma luta constante de um/uma para dominar o outro/a Os conflitos intensos nas relações amorosas por vezes só podem ser superados através da agressividade ou violência O amor implica sempre o isolamento total face ao mundo exterior-
Negociação/ Simetria de poder/	0,5	Qualquer relação amorosa deve reger-se por valores de igualdade entre homens e mulheres O amor é uma construção livre, onde nada deve ser imposto e tudo deve ser negociado Amor não significa perda total de autonomia e liberdade individual
Segurança/ Orientação	0,5	O amor é um refúgio, um local seguro onde podemos encontrar o sentido da vida O amor dá-nos força para ultrapassar todos os obstáculos O amor é como uma fusão, os interesses e projectos das pessoas fundem-se num só
Experimentação/ Contingência	0,5	O amor e as relações amorosas não são perfeitos, nem eternos Nas relações amorosas há sempre tensão entre os interesses individuais e o bem-estar do casal Num mundo de incertezas, o amor só nos pode trazer ainda mais dúvidas No amor quanto mais experiências melhor, já não faz sentido esperar eternamente pela pessoa perfeita A intensidade do amor é mais importante do que a segurança ou a sua duração

* Escala tipo Likert: 1-Discordo totalmente; 2-Discordo; 3-Não concordo, nem discordo; 4-Concordo; 5-Concordo totalmente

Depois de analisada a consistência interna das dimensões de análise, foram então construídos índices de práticas e representações dos jovens sobre o amor e as relações amorosas (com base nos posicionamentos médios dos inquiridos face às declarações acima listadas), os quais permitem identificar, desde logo, a existência de uma concepção de amor orientada sobretudo para o equilíbrio de poderes, negociação de liberdades e sentimento de segurança, bem como para a adopção de uma atitude protectora da autonomia individual na relação a dois e de um estilo de comunicação aberto e activo, características que aproximam os jovens inquiridos das características do modelo de amor confluyente proposto por Giddens (1996), com a afirmação da relação pura a surgir em clara ruptura com os ideais funcionalistas do amor romântico (Quadro 3.6).

Quadro 3.6 - Média e desvio-padrão das práticas e representações do amor e das relações amorosas

Índices	N	Média	Desvio-padrão
Representações de negociação/simetria de poder	335	4,01	0,699
Representações de segurança e orientação da acção	335	3,73	0,696
Representações de experimentalismo e contingência	334	3,30	0,613
Representações de dominação/ assimetria de poder	334	2,14	0,787
Práticas de comunicação activa	317	4,22	0,654
Práticas de autonomia/ independência	317	3,53	0,597
Práticas de fusão/ dependência	317	3,33	0,617
Práticas de negociação/ simetria de poder	317	3,29	0,790
Práticas de integração externa	317	2,55	0,815
Práticas de dominação/ assimetria de poder	315	2,39	0,708

Nota: Escala das variáveis originais 1-Discordo totalmente; 2-Discordo; 3-Não concordo, nem discordo; 4-Concordo; 5-Concordo totalmente

Paralelamente, os jovens revelam, em termos médios, discordância com as questões ligadas à integração externa patente na influência social e familiar na escolha do parceiro amoroso e nas atitudes adoptadas na relação amorosa, perspectivando-se, assim, o esbatimento dos contornos mais tradicionalistas da organização e funcionamento dos casais.

Mas em que medida as práticas e representações declaradas pelos jovens são partilhadas por rapazes e raparigas e comuns aos vários contextos sociais?

3.2. Influência do género e da classe social de origem

Para a análise da influência do género e da classe social de origem nas práticas e representações dos jovens sobre o amor e as relações amorosas foram realizados testes estatísticos (paramétricos, sempre que verificados os pressupostos, ou não paramétricos).

Relativamente à influência do género, foram identificadas diferenças entre rapazes e raparigas, tanto ao nível das práticas como das representações do amor e das relações amorosas.

Em termos médios, existem diferenças significativas no posicionamento face à concepção do amor como um sentimento orientado para a negociação e equilíbrio na distribuição de poder entre as partes e face às práticas de fusão/dependência, autonomia/independência, negociação/simetria de poder e integração externa dos actuais ou últimos relacionamentos amorosos dos inquiridos. O sentido destas diferenças coloca as raparigas na linha da frente das mudanças ocorridas na esfera da vida privada, em Portugal, com a individualização e autonomia crescentes da vida familiar e conjugal. Como podemos verificar no quadro 3.7 existem também diferenças entre as respostas dadas pelos elementos do

sexo masculino e feminino nas restantes dimensões de análise que, embora não sejam estatisticamente significativas, importa ter em conta

Quadro 3.7 - Práticas e representações do amor e das relações amorosas por sexo (Médias)

Índices	Sexo		Sig.
	M	F	
Representações de negociação/simetria de poder	3,93	4,16	0,00
Representações de segurança e orientação da acção	3,75	3,70	0,50
Representações de experimentalismo e contingência	3,31	2,28	0,59
Representações de dominação/ assimetria de poder	2,20	2,04	0,07
Práticas de comunicação activa	4,21	4,26	0,48
Práticas de autonomia/ independência	3,45	3,65	0,01
Práticas de fusão/ dependência	3,41	3,18	0,00
Práticas de negociação/ simetria de poder	3,40	3,12	0,00
Práticas de integração externa	2,64	2,41	0,02
Práticas de dominação/ assimetria de poder	2,42	2,33	0,25

Nota: Escala das variáveis originais 1-Discordo totalmente; 2-Discordo; 3-Não concordo, nem discordo; 4-Concordo; 5-Concordo totalmente

No que diz respeito à identificação com uma visão do amor e das relações amorosas em geral associada à segurança e orientação da acção e à experimentação contingente, os rapazes destacam-se ligeiramente, em termos médios, no sentido de uma maior concordância com estas representações. Pelo contrário, sendo partilhada por rapazes e raparigas a discordância face a uma ideia de dominação e assimetria de poder implícita ao amor, bem como face à adopção de práticas que lhes possam estar associadas no decurso dos seus relacionamentos amorosos, são as raparigas que, em termos médios, o declaram de forma mais evidente. Na mesma linha, a adopção generalizada, entre os jovens inquiridos, de um estilo activo de comunicação no casal é ligeiramente superior no caso das jovens raparigas, reforçando o seu papel na construção de relacionamentos afectivos mais participados.

Relativamente à influência da classe social de origem dos jovens inquiridos na estruturação das suas práticas e representações sobre o amor e as relações amorosas³⁵ registam-se também algumas diferenças (nalguns casos estatisticamente significativas) que importa explicitar.

³⁵ Para a realização dos testes estatísticos (análise de variância), foram definidos 3 grandes categoriais sócio-profissionais a partir da agregação dos seguintes grupos socioprofissionais do agregado familiar: Baixo - OO/AEPL; Médio - TI/TIPL/EE; Alto - PTE/EDL.

Quadro 3.8 - Médias das práticas e representações do amor e das relações amorosas por estrato social

Índices	Estrato social			Sig.
	Baixo	Médio	Alto	
Representações de negociação/simetria de poder	4,20*	4,07*	3,88	0,00
Representações de segurança e orientação da acção	3,82	3,74	3,74	0,69
Representações de experimentalismo e contingência	3,32	3,31	3,27	0,82
Representações de dominação/ assimetria de poder	2,03	2,08	2,24	0,13
Práticas de comunicação activa	4,26	4,24	4,21	0,87
Práticas de autonomia/ independência	3,47	3,53	3,54	0,78
Práticas de fusão/ dependência	3,33	3,34	3,35	0,96
Práticas de negociação/ simetria de poder	3,35	3,22	3,35	0,37
Práticas de integração externa	2,57	2,36**	2,72**	0,00
Práticas de dominação/ assimetria de poder	2,35	2,38	2,43	0,75

Nota: Escala das variáveis originais 1-Discordo totalmente; 2-Discordo; 3-Não concordo, nem discordo; 4-Concordo; 5-Concordo totalmente
*Grupos com diferenças de médias estatisticamente significativas

No âmbito das representações sobre o amor e as relações amorosas em geral que, em termos médios, mais se destacam na amostra em estudo, podemos verificar que a concepção negociada e simétrica dos relacionamentos a dois, inspirada mais por um sentimento de segurança e estabilidade do que pela associação do amor à contingência e experimentação, é tanto mais elevada quanto menores são os recursos que caracterizam os estratos sociais de origem dos inquiridos.

Este facto poderá indiciar a partilha de uma visão mais idealizada ou romantizada do amor, por parte das franjas mais desfavorecidas da amostra, por oposição a uma visão mais crítica e realista dos jovens mais favorecidos que, num contexto marcado pela crescente reflexividade e auto-determinação dos indivíduos, evidenciam uma maior capacidade de sinalização e desconstrução das lutas de poder que se travam na esfera das relações íntimas ou privadas, limitando o investimento e as cedências feitas em nome de ideais românticos menos democráticos (Giddens, 1998).

À medida que se avança da base para o topo da estrutura social regista-se, em termos médios, um aumento da presença de práticas associadas à autonomia e liberdade individual, o que vem confirmar resultados de estudos anteriores que sinalizam os grupos mais jovens e favorecidos como as franjas que apresentam posições e atitudes mais modernistas da sociedade portuguesa (Vasconcelos, 1998).

Contudo, e de forma aparentemente contraditória, o aumento dos recursos dos agregados familiares dos jovens inquiridos é também acompanhado por um acréscimo ligeiro das práticas de fusão e dependência, assentes no compromisso e partilha de projectos e

recursos entre o casal, e, um aumento, mais expressivo, das práticas associadas à dominação e assimetria de poder, o que mais do que revelar a existência de um maior desequilíbrio dos processos de tomada de decisão, com recurso a estratégias impositivas e eventualmente violentas na resolução dos conflitos por parte das franjas mais favorecidas da amostra, pode traduzir, como já vimos, a diferenciação de expectativas e critérios de avaliação.

Na mesma linha de fundamentação, a leitura dos resultados relativos à presença, em termos médios, do estilo de comunicação activa nos diferentes estratos sociais, traço característico das relações amorosas da amostra em estudo, aponta, mais uma vez, para a explicação da sua subrepresentação nas franjas privilegiadas por via da maior capacidade de confronto entre possibilidades e exigências

Em relação às práticas de integração externa, já tínhamos visto que, em termos médios, os jovens inquiridos, particularmente as raparigas, declaram a fraca presença ou reconhecimento da existência de influência social e familiar na escolha de um parceiro amoroso com idêntica condição, na aceitação da relação amorosa pelos pais ou na procura da legitimidade social nos comportamentos adoptados pelos jovens, valorizando mais a construção negociada da relação entre os elementos do casal. Este esbatimento dos condicionalismos sociais apresenta, no entanto, contornos particulares nos grupos sociais considerados na análise, identificando-se uma maior presença das referidas práticas no estrato mais elevado, a reflectir uma eventual persistência de estratégias de fechamento social que asseguram a reprodução dos elevados níveis de recursos, e no estrato mais baixo, com as estratégias de sobrevivência em situação de escassez de recursos a implicar uma maior interferência social pela via do adensamento das trocas.

Conclusão

O trabalho realizado teve como principal objectivo o estudo das práticas e representações dos jovens sobre o amor e as relações amorosas, tendo-se recorrido a uma pesquisa empírica de natureza quantitativa, com base numa amostra (N=338) de jovens alunos de escolas profissionais da região de Lisboa, de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 15 e os 22 anos e condições sociais diversificadas, com informação no terreno recolhida nos meses de Junho e Julho de 2010.

Na análise estatística dos resultados optou-se por uma selecção prévia de um conjunto de variáveis e dimensões que permitiram garantir a fiabilidade dos constructos de práticas e representações do amor e das relações amorosas estudados, reforçando a consistência das conclusões retiradas e, assim, contribuindo para a concretização do objectivo do trabalho.

No seguimento das conclusões de estudos nacionais e transnacionais sobre as linhas de mudança e continuidade das práticas, normas, valores e representações dos portugueses face à família e conjugalidade (Wall, 2005; Almeida, 2003, Pais, 1998), os principais resultados da presente pesquisa colocam os jovens inquiridos na linha da frente das transformações em curso na sociedade portuguesa, associadas à individualização e democratização das relações íntimas ou privadas, dimensões estruturantes dos modelos emergentes de amor-confluyente e relação pura propostos por Giddens (1996) como sucessores dos ideais pouco igualitários do amor romântico.

No plano das representações foi identificada uma concepção de amor fortemente orientada para o equilíbrio e negociação de poderes entre o casal, com um distanciamento claro face a estratégias de dominação e violência, e uma visão inspiradora do amor enquanto fonte de segurança e orientação, lugar de protecção e de produção de sentido.

Na mesma linha, mas no plano das práticas associadas aos últimos relacionamentos amorosos dos inquiridos (presentes ou passados), foi possível identificar como traço marcante a existência de um estilo de comunicação aberto e activo, em convergência com uma valorização, ainda que mais tímida, da autonomia e liberdade individual, com o enfoque do “eu” no casal a permitir a preservação das diferenças, projectos e articulações próprias do espaço-tempo individual.

Mas as práticas e representações dos jovens inquiridos sobre o amor e as relações amorosas não são socialmente indiferenciadas, tendo sido possível identificar a influência do género e da classe social de origem na sua estruturação.

As diferenças encontradas entre rapazes e raparigas, tanto ao nível das representações como das práticas, evidenciam o papel de destaque assumido pelas raparigas neste movimento de democratização das relações amorosas, sustentado pela afirmação da autonomia e liberdade individual, bem como pela comunicação, enquanto veículo privilegiado da gestão auto-referenciada e negociada das regras de funcionamento do casal, cada vez menos resultantes da influência e imposição de padrões vindos do exterior.

As diferenças nas práticas e representações dos jovens inquiridos de diferente condição social apontam, algo inesperadamente, para uma relação de associação negativa entre os estratos sociais caracterizados por níveis de recursos mais elevados e a maior proximidade face a valores e atitudes de negociação, simetria de poder e comunicação activa. Este facto poderá traduzir uma visão mais idealizada ou romantizada do amor, por parte das franjas sociais com menores recursos, contrastante com uma visão mais crítica e realista dos jovens mais favorecidos que, num contexto marcado pela crescente reflexividade e auto-determinação do *self* (Giddens, 1998), evidenciarão uma maior capacidade de sinalização e desconstrução das lutas de poder que se travam na esfera das relações íntimas ou privadas, limitando o investimento e as cedências feitas em nome de ideais românticos menos democráticos.

Relativamente à integração externa dos relacionamentos amorosos dos inquiridos, cujo esbatimento traduz a perda de influência do modelo de amor romântico, foi possível identificar, através da sua polarização nos extremos da estrutura social, alguma persistência de estratégias de fechamento social no topo, que asseguram a reprodução dos elevados níveis de recursos, e na base, com as estratégias de sobrevivência a implicar um adensamento das trocas e, conseqüentemente, uma maior interferência social.

Bibliografia

- Aboim, Sofia (2006a), *Conjugualidades em mudança: percursos e dinâmicas da vida a dois*, Lisboa, ICS.
- Aboim, Sofia (2006b), Conjugualidade, afectos e formas de autonomia individual, *Análise Social*, XLI (180), pp 801-825.
- Almeida, Ana Nunes (2003), “Família, conjugualidade e procriação: valores e papéis”, em Jorge Vala, Manuel Villaverde Cabral e Alice Ramos (orgs), *Valores Sociais: mudanças e contrastes em Portugal e na Europa*, Lisboa, ICS, pp 50-93.
- Amâncio, Lígia (1998), *Masculino e o Feminino. A Construção Social da Diferença*, Porto, Edições Afrontamento.
- Ariés, Philippe (1973), *L'enfant et la vie familiale sous l'ancien régime*, Paris, Seuil.
- Bauman, Zygmunt (2001), *The individualized society*, Cambridge, Polity.
- Bauman, Zygmunt (2000), *Liquid modernity*, Cambridge, Polity.
- Beck, Ulrich e Elisabeth Beck-Gernsheim (2006), *Individualization: institutionalized individualism and its social and political consequences*, London, Sage Publications.
- Beck, Ulrich e Elisabeth Beck-Gernsheim (1995), *The normal chaos of love*, Cambridge, Polity Press.
- Bourdieu, Pierre (2001a), *Razões Práticas*, Oeiras, Celta Editora.
- Bourdieu, Pierre (2001b), *O Poder Simbólico*, Lisboa, Difel - Difusão Editorial.
- Bourdieu, Pierre (1999), *A Dominação Masculina*, Oeiras, Celta Editora.
- Bourdieu, Pierre (1984), *Distinction: a social critique of the judgement of taste*, Routledge, London.
- Cabral, Manuel Villaverde e José Machado Pais (coords), *Jovens Portugueses de Hoje*, Oeiras, Celta Editora.
- Caridade, Sónia e Carla Machado (2006), “Violência na Intimidade Juvenil: da vitimação à perpetração”, *Análise Psicológica*, XXIV (4), pp 485-493.
- Casimiro, Cláudia (2002), “Violências na conjugualidade: a questão da simetria do género”, *Análise Social*, XXXVII (163), pp 603-630.

- Elias, Norbert (1993), *A Sociedade dos Indivíduos*, Lisboa, D. Quixote.
- Fitoussi, Jean-Paul e Pierre Ronsavallon (1997), *A Nova Era das Desigualdades*, Oeiras, Celta Editora.
- Giddens, Anthony (1998), *As consequências da modernidade*, Oeiras, Celta Editora.
- Giddens, Anthony (1994), *Modernidade e identidade pessoal*, Oeiras, Celta Editora.
- Giddens Anthony (1996), *Transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*, Oeiras, Celta Editora.
- Guerreiro, Maria das Dores, A. Torres e L. Capucha (2007), *Quotidiano e Qualidade de Vida - Portugal no contexto europeu*, vol. III ed. 1, 1 vol., Oeiras: Celta Editora.
- Guerreiro, Maria das Dores e Pedro Abrantes (2007), *Transições Incertas. Os Jovens perante o mercado de trabalho*, Lisboa, Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego-CITE.
- Guerreiro, Maria das Dores (2003), *Pessoas Sós: Múltiplas Realidades*, *Sociologia, Problemas e Práticas*, (43), pp31-49.
- Guerreiro, Maria das Dores e H. Perista (2001), *Trabalho e Família - Inquérito à Ocupação do Tempo*, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística.
- Kellerhals, Jean, Éric Widmer e René Levy, (2004), *Mesure et démesure du couple: Cohésion, crises et résilience dans la vie des couples*, Paris, Éditions Payot e Rivages.
- Machado, Carla, M. Matos e A. Moreira, (2003). “Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária”, *Psychologica*, (33), pp 69-83.
- Machado, F. Luís e A. Firmino da Costa (1998), “Processos de uma Modernidade Inacabada”, em José Manuel Viegas e António Firmino da Costa (orgs.), *Portugal, que Modernidade?*, Oeiras, Celta Editora.
- Pais, José Machado (1998), “Vida amorosa e sexual”, em José Machado Pais, *Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea*, Lisboa, ICS.
- Paiva, C. e B. Figueiredo, (2004), “Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses”, *Psychologica*, (36), pp 75-107
- Peixoto, C., F. de Singly, e V. Cicchelli (2000), *Família e individualização*, Rio de Janeiro, Editora FGV.
- Segalen, Martine (1999), *Sociologia da Família*, Lisboa, Terramar.

- Shorter, Edward (1975), *A Formação da Família Moderna*, Lisboa, Terramar.
- Singly, F. de (2000), *Libres ensemble. L'individualisme dans la vie commune*, Paris, Nathan.
- Singly, F. de (1996), *Le soi, le couple et la famille*, Bruxelles, Nathan.
- Torres, Anália (2004), “Amor e Ciências Sociais”, *Revista de Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa*, (4/5), pp15-45.
- Torres, Anália (2002), *Casamento em Portugal : uma análise sociológica*, Oeiras, Celta Editora.
- Torres, Anália (2001), *Sociologia do Casamento. A Família e a Questão Feminina*, Oeiras, Celta Editora.
- Torres, Anália (2000), “A individualização no feminino, o casamento e o amor”, em C. Peixoto; F. de Singly e V. Cicchelli (orgs), *Família e individualização*, Rio de Janeiro, Editora FGV.
- Vala, Jorge, M. V. Cabral e A. Ramos (2003), *Valores Sociais: mudanças e contrastes em Portugal e na Europa*, Lisboa, ICS.
- Vasconcelos, Pedro (1998), “Práticas e discursos da conjugalidade e de sexualidade dos jovens portugueses”, em Manuel Villaverde Cabral e José Machado Pais (coords), *Jovens Portugueses de Hoje*, Oeiras, Celta.
- Wall, Karin (2005), *Famílias em Portugal. Percursos, Interações, Relações Sociais*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais/ICS.
- Widmer, Éric, Jean Kellerhals e René Levy (2006), What Pluralization of Family Relations? Conflicts, Conjugal Interaction Styles, and Social Milieu in *R. franç. sociol.*, (47), pp 131-156.

Anexo A - Guião de Questionário

QUESTIONÁRIO SOBRE AMOR E RELAÇÕES AMOROSAS ENTRE JOVENS

O presente inquérito é desenvolvido no âmbito de uma Dissertação de Mestrado em Sociologia e Planeamento do ISCTE-IUL e tem como principal objectivo caracterizar as práticas e representações de jovens sobre o amor e as relações amorosas. Pede-se que leias atentamente todas as perguntas e te assegures que não fica nenhuma resposta por dar.

As respostas a este inquérito são absolutamente anónimas e confidenciais. Obrigado pela tua colaboração!

CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-DEMOGRÁFICA

1. Dados sobre ti

- 1.1. Idade: _____ anos 1.2. Sexo: Masculino Feminino
- 1.3. Naturalidade: Portuguesa Outra Qual? _____
- 1.4. Nacionalidade: Portuguesa Outra Qual? _____
- 1.5. Tempo de residência em Portugal: _____ anos 1.6. Concelho de residência actual: _____
- 1.7. Ano de escolaridade frequentado: _____ 1.8. Tipo de curso: _____

2. Dados sobre as pessoas que vivem contigo

2.1. Número de pessoas adultas que compõem o teu agregado doméstico: _____

2.2. Caracterização das pessoas adultas (no máximo 2) a viver contigo que têm responsabilidade sobre ti:

	Pessoa 1	Pessoa 2
Relação de parentesco contigo:	_____	_____
Idade:	_____ anos	_____ anos
Grau de escolaridade completo:	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não sabe ler nem escrever	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1º Ciclo do Ensino Básico (antigo primário/4ª classe)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2º Ciclo do Ensino Básico (antigo preparatório/ 2º ano do Liceu)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3º Ciclo do Ensino Básico (antigo 5º ano do Liceu/9º ano unificado)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino Secundário (12º ano)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino Superior (licenciatura, mestrado, doutoramento)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ns/Nr	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Profissão (actual ou última):	_____	_____
Sector de actividade ou tipo de empresa (actual ou última):	_____	_____
Situação na profissão:	<input type="checkbox"/> N° empregados _____	<input type="checkbox"/> N° empregados _____
Patrão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Trabalhador por conta própria	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Trabalhador por conta de outrem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ns/Nr	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES DO AMOR E DAS RELAÇÕES AMOROSAS

3. Dados sobre os teus relacionamentos amorosos

3.1. Tens ou já tiveste algum relacionamento amoroso com alguém?

Sim, tenho actualmente Sim, já tive no passado Não *Se nunca tiveste, passa à pergunta 4.1.*

3.2. Há quanto tempo dura ou quanto tempo durou o último relacionamento amoroso que tiveste?

Menos de uma semana Entre 1 mês a 3 meses Entre 6 a 12 meses
Entre 1 semana a 1 mês Entre 3 a 6 meses Mais de 12 meses

3.3. Qual o sexo da pessoa com quem tens/tiveste o último relacionamento? M F 3.4. E a idade? _____ anos

3.5. Esse relacionamento tem/teve uma componente sexual? Sim Não Ns/nr

3.6. Pensa agora na tua actual ou última relação amorosa e responde de acordo com a tua situação específica. Em que medida discordas ou concordas das seguintes afirmações? Lê atentamente cada frase e assinala com **x** a tua resposta.

Utiliza a seguinte escala :

1 - Discordo totalmente 2 - Discordo 3 - Não concordo nem discordo 4 - Concordo 5 - Concordo totalmente

A felicidade dos dois é mais importante na relação do que a minha própria felicidade

1 2 3 4 5

Tenho uma certa dificuldade em lidar com as opiniões dele/dela quando são diferentes da minha

1 2 3 4 5

Sinto que não tenho a obrigação de lhe contar tudo o que faço

1 2 3 4 5

Na relação amorosa são raras as vezes em que sou eu a tomar decisões que dizem respeito aos dois

1 2 3 4 5

Independentemente do que possa acontecer, tenho a certeza de que continuarei a apostar nesta relação

1 2 3 4 5

Na relação amorosa ambos/as fazemos coisas que na sociedade estão associadas só aos homens ou só às mulheres

1 2 3 4 5

As regras do funcionamento da nossa relação são definidas por negociação entre nós os dois

1 2 3 4 5

O amor é o sentimento mais importante da nossa relação

1 2 3 4 5

Passo todo o tempo em que não estou a estudar e/ou trabalhar com ele/ela

1 2 3 4 5

A relação amorosa é uma aprendizagem para os dois e a dimensão sexual não é excepção

1 2 3 4 5

Quando as coisas não estão bem entre nós acho que o melhor é dar algum tempo e não se tocar mais no assunto

1 2 3 4 5

Para mim a relação só faz sentido se individualmente nos sentirmos os dois felizes

1 2 3 4 5

Sinto que tenho que lhe prestar contas de tudo o que faço

1 2 3 4 5

Na relação amorosa tentamos corresponder às expectativas dos outros e agir em função do que é socialmente aceite

1 2 3 4 5

Os conflitos da relação amorosa são sempre resolvidos através da negociação

1 2 3 4 5

Eu faço um maior investimento na componente emocional da relação do que ele/ela

1 2 3 4 5

Eu acho que na minha relação há uma certa dependência entre mim e ele/ela

1 2 3 4 5

A paixão física é muito forte na relação amorosa

1 2 3 4 5

A divisão do poder na relação amorosa é totalmente equilibrada entre nós os dois

1 2 3 4 5

Tenho abertura para ouvir o que ele/ela tem para dizer, mesmo quando não concordo

1 2 3 4 5

Na relação amorosa há uma divisão tradicional de responsabilidades em função do sexo e cada um/a faz o que lhe compete

1 2 3 4 5

Na relação amorosa passamos o máximo de tempo possível só nós os dois

1 2 3 4 5

Nalguns conflitos da relação amorosa existe um certo descontrolo e acabam por ser utilizadas medidas mais extremas
(ameaças, estaladas, humilhação, empurrões, entre outras)

1 2 3 4 5

A amizade que nos une é fundamental na relação amorosa

1 2 3 4 5

Neste momento, a relação amorosa é a ideal, mas no futuro não sei

1 2 3 4 5

A minha relação amorosa assenta no compromisso e partilha total entre os dois

1 2 3 4 5

Eu faço um maior investimento na componente sexual da relação do que ele/ela

1 2 3 4 5

Na relação amorosa saímos regularmente com colegas, amigos, familiares ou vizinhos

1 2 3 4 5

Ainda que seja importante, a minha relação amorosa é apenas uma parte da minha vida

1 2 3 4 5

Na minha relação amorosa é valorizada a autonomia e liberdade individual de cada um/uma

1 2 3 4 5

Na relação amorosa, eu ele/ela temos gostos e ideias muito diferentes

1 2 3 4 5

Na escolha do/a parceiro/a amoroso/a pesou o facto de se tratar de alguém com idêntica condição social

1 2 3 4 5

Os conflitos da relação amorosa geralmente terminam com a imposição da minha vontade

1 2 3 4 5

Na relação amorosa conversamos sempre sobre todos os assuntos

1 2 3 4 5

Na decisão de prosseguir esta relação amorosa contou o facto de ser aceite pelos meus pais

1 2 3 4 5

Na relação amorosa sou eu que tomo mais vezes as decisões em matérias que têm consequências para os dois

1 2 3 4 5

Na relação amorosa há uma maior preocupação com a satisfação sexual do elemento masculino

1 2 3 4 5

Só me sinto completo/a quando estou com ele/ela

1 2 3 4 5

A comunicação é livre e aberta na minha relação amorosa

1 2 3 4 5

Eu gosto muito dele/dela mas não deixo de ter as minhas condições para continuar nesta relação

1 2 3 4 5

A relação é uma combinação equilibrada de três sentimentos - amor, paixão e amizade

1 2 3 4 5

Na relação amorosa, eu ele/ela temos projectos de futuro semelhantes

1 2 3 4 5

Os conflitos da relação amorosa geralmente terminam com a minha aceitação da vontade do outro/a

1 2 3 4 5

Eu não abduco de algum tempo só para mim e para as coisas que eu gosto de fazer

1 2 3 4 5

Na relação amorosa o que interessa é o que nós os dois achamos e não o que pensam os outros (amigos, colegas, pais, professores, etc)

1 2 3 4 5

4. Opiniões sobre o amor e as relações amorosas

4.1 Pensa agora nas relações amorosas e no amor em geral e lê atentamente as seguintes frases. Em que medida discordas ou concordas com cada uma das afirmações? Assinala com **x** a tua resposta, **utilizando a seguinte escala:**

1 - Discordo totalmente 2 - Discordo 3 - Não concordo nem discordo 4 - Concordo 5 - Concordo totalmente

O amor é como uma fusão, os interesses e projectos das pessoas fundem-se num só

1 2 3 4 5

As mulheres precisam mais de amor e protecção

1 2 3 4 5

O amor pode não implicar heterossexualidade

1 2 3 4 5

O amor é uma construção livre, onde nada deve ser imposto

1 2 3 4 5

Os homens só precisam de sexo e acção

1 2 3 4 5

O amor é como uma dependência forte de alguém

1 2 3 4 5

Qualquer relação amorosa deve reger-se por valores de igualdade entre homens e mulheres

1 2 3 4 5

É importante agradar à família na escolha dos parceiros/as amorosos/as

1 2 3 4 5

Num mundo de incertezas, o amor só nos pode trazer ainda mais dúvidas

1 2 3 4 5

É muito importante para as mulheres ter uma sexualidade gratificante

1 2 3 4 5

As relações amorosas são uma luta constante de um/uma para dominar o outro/a

1 2 3 4 5

O amor implica sempre o isolamento total face ao mundo exterior

1 2 3 4 5

As escolhas do amor não olham ao estatuto social das pessoas

1 2 3 4 5

O amor é um refúgio, um local seguro onde podemos encontrar o sentido da vida

1 2 3 4 5

No amor quanto mais experiências melhor, já não faz sentido esperar eternamente pela pessoa perfeita

1 2 3 4 5

A sexualidade é uma dimensão fundamental do amor e das relações amorosas

1 2 3 4 5

Nas relações amorosas há sempre tensão entre os interesses individuais e o bem-estar do casal

1 2 3 4 5

A intensidade do amor é mais importante do que a segurança ou a sua duração

1 2 3 4 5

É normal que o homem assuma a liderança numa relação amorosa

1 2 3 4 5

O amor e as relações amorosas não são perfeitas, nem eternas

1 2 3 4 5

Os conflitos intensos nas relações amorosas por vezes só podem ser superados através da agressividade ou violência

1 2 3 4 5

Amor não significa perda total de autonomia e liberdade individual

1 2 3 4 5

O amor dá-nos força para ultrapassar todos os obstáculos

1 2 3 4 5

FIM

Anexo B – Outputs Estadísticos

Caracterização da amostra

Escola frequentada pelo/a inquirido/a

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	INETE	178	52,7	52,7	52,7
	Escola Digital	108	32,0	32,0	84,6
	INETESE	19	5,6	5,6	90,2
	EPAD	33	9,8	9,8	100,0
	Total	338	100,0	100,0	

Tipo de curso frequentado pelo/a inquirido/a

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Técnico de Apoio à Infância	18	5,3	5,3	5,3
	Técnico de Banca e Seguros	19	5,6	5,6	10,9
	Técnico de Construção Civil	2	,6	,6	11,5
	Técnico de Contabilidade	21	6,2	6,2	17,8
	Técnico de Electrónica e Telecomunicações	17	5,0	5,0	22,8
	Técnico de Electrónica, Automação e Controlo	10	3,0	3,0	25,7
	Técnico de Energias Renováveis	22	6,5	6,5	32,2
	Técnico de Fotografia	16	4,7	4,7	37,0
	Técnico de Gestão	37	10,9	10,9	47,9
	Técnico de Gestão de Equipamentos Informáticos	43	12,7	12,7	60,7
	Técnico de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos	66	19,5	19,5	80,2
	Técnico de Informática de Gestão	15	4,4	4,4	84,6
	Técnico de Marketing e Publicidade	7	2,1	2,1	86,7
	Técnico de Multimédia	18	5,3	5,3	92,0
	Técnico de Óptica Ocular	21	6,2	6,2	98,2
	Técnico de Organização de Eventos	6	1,8	1,8	100,0
	Total	338	100,0	100,0	

Idade do/a inquirido/a

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	15 anos	13	3,8	3,8	3,8
	16 anos	44	13,0	13,0	16,9
	17 anos	59	17,5	17,5	34,3
	18 anos	91	26,9	26,9	61,2
	19 anos	61	18,0	18,0	79,3
	20 anos	36	10,7	10,7	89,9
	21anos	18	5,3	5,3	95,3
	22 anos	16	4,7	4,7	100,0
	Total	338	100,0	100,0	

Sexo do/a inquirido/a

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Masculino	215	63,6	63,6	63,6
	Feminino	123	36,4	36,4	100,0
	Total	338	100,0	100,0	

Naturalidade do/a inquirido/a

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Portuguesa	280	82,8	83,3	83,3
	Outra	56	16,6	16,7	100,0
	Total	336	99,4	100,0	
Missing	System	2	,6		
	Total	338	100,0		

Outra nacionalidade do/a inquirido/a não portuguesa

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	282	83,4	83,4	83,4
África do Sul	1	,3	,3	83,7
Alemanha	1	,3	,3	84,0
Angola	8	2,4	2,4	86,4
Brasil	11	3,3	3,3	89,6
Bulgária	5	1,5	1,5	91,1
Cabo Verde	15	4,4	4,4	95,6
Canadá	2	,6	,6	96,2
França	1	,3	,3	96,4
Guiné Bissau	1	,3	,3	96,7
Inglaterra	1	,3	,3	97,0
Moldávia	1	,3	,3	97,3
Roménia	1	,3	,3	97,6
São Tomé e Príncipe	2	,6	,6	98,2
Suíça	2	,6	,6	98,8
Ucrânia	3	,9	,9	99,7
Venezuela	1	,3	,3	100,0
Total	338	100,0	100,0	

Nacionalidade do/a inquirido

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Portuguesa	293	86,7	87,2	87,2
Outra	43	12,7	12,8	100,0
Total	336	99,4	100,0	
Missing System	2	,6		
Total	338	100,0		

Outra nacionalidade do/a inquirido/a não portuguesa

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	295	87,3	87,3	87,3
Angola	6	1,8	1,8	89,1
Brasil	9	2,7	2,7	91,7
Bulgária	5	1,5	1,5	93,2
Cabo Verde	13	3,8	3,8	97,0
França	1	,3	,3	97,3
Guiné Bissau	1	,3	,3	97,6
Moldávia	1	,3	,3	97,9
Roménia	2	,6	,6	98,5
São Tomé e Príncipe	2	,6	,6	99,1
Ucrânia	3	,9	,9	100,0
Total	338	100,0	100,0	

Concelho de residência actual

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	20	5,9	5,9	5,9
Alenquer	1	,3	,3	6,2
Almada	6	1,8	1,8	8,0
Alpiarça	1	,3	,3	8,3
Amadora	12	3,6	3,6	11,8
Azambuja	1	,3	,3	12,1
Barreiro	5	1,5	1,5	13,6
Benavente	1	,3	,3	13,9
Cascais	11	3,3	3,3	17,2
Coruche	1	,3	,3	17,5
Lisboa	93	27,5	27,5	45,0
Loures	42	12,4	12,4	57,4
Mafra	4	1,2	1,2	58,6
Moita	1	,3	,3	58,9
Montijo	2	,6	,6	59,5
Odivelas	49	14,5	14,5	74,0
Oeiras	17	5,0	5,0	79,0
Peniche	2	,6	,6	79,6
Salvaterra de Magos	1	,3	,3	79,9
Santarem	1	,3	,3	80,2
Santarém	1	,3	,3	80,5
Seixal	11	3,3	3,3	83,7
Sesimbra	7	2,1	2,1	85,8
Setúbal	2	,6	,6	86,4
Sintra	38	11,2	11,2	97,6
Torres Vedras	1	,3	,3	97,9
Vila Franca de Xira	7	2,1	2,1	100,0
Total	338	100,0	100,0	

Nº de pessoas do agregado doméstico do inquirido/a

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1	40	11,8	11,9
2	148	43,8	44,0	56,0
3	100	29,6	29,8	85,7
4	39	11,5	11,6	97,3
5	6	1,8	1,8	99,1
6	3	,9	,9	100,0
Total	336	99,4	100,0	
Missing System	2	,6		
Total	338	100,0		

Representante masculino do agregado doméstico

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Pai	236	69,8	91,1
Padrasto	10	3,0	3,9	95,0
Avô	7	2,1	2,7	97,7
Tio	5	1,5	1,9	99,6
Tutor	1	,3	,4	100,0
Total	259	76,6	100,0	
Missing System	79	23,4		
Total	338	100,0		

Grupo etário do pai ou representante masculino

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Até 39 anos	12	3,6	4,7
40-44 anos	55	16,3	21,3	26,0
45-49 anos	76	22,5	29,5	55,4
50-54 anos	66	19,5	25,6	81,0
55-59 anos	31	9,2	12,0	93,0
60 ou mais anos	18	5,3	7,0	100,0
Total	258	76,3	100,0	
Missing System	80	23,7		
Total	338	100,0		

Grau de escolaridade do pai ou representante masculino

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não sabe ler, nem escrever	1	,3	,4	,4
	1º Ciclo do Ensino Básico	62	18,3	24,2	24,6
	2º Ciclo do Ensino Básico	24	7,1	9,4	34,0
	3º Ciclo do Ensino Básico	63	18,6	24,6	58,6
	Ensino Secundário	71	21,0	27,7	86,3
	Ensino Superior	35	10,4	13,7	100,0
	Total	256	75,7	100,0	
Missing	System	82	24,3		
Total		338	100,0		

Profissão do pai ou representante masculino

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Quadros sup adm pública, dirigentes e quadros sup empresas	29	8,6	12,0	12,0
	Especialistas das profissões intelectuais e científicas	27	8,0	11,2	23,1
	Técnicos e profissionais de nível intermédio	23	6,8	9,5	32,6
	Pessoal administrativo e similares	12	3,6	5,0	37,6
	Pessoal dos serviços e vendedores	51	15,1	21,1	58,7
	Agricultores e trab. qualificados da agricultura e pesca	2	,6	,8	59,5
	Operários, artífices e trabalhadores similares	63	18,6	26,0	85,5
	Operadores de instalações e máquinas e trab. da montagem	33	9,8	13,6	99,2
	Trab. não qualificados dos serviços e comércio	1	,3	,4	99,6
	Trab. não qualificados da construção, indúst. e transportes	1	,3	,4	100,0
	Total	242	71,6	100,0	
Missing	System	96	28,4		
Total		338	100,0		

Situação na profissão do pai ou representante masculino

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Patrão	28	8,3	11,4	11,4
	Trabalhador por conta própria	31	9,2	12,7	24,1
	Trabalhador por conta de outrem	185	54,7	75,5	99,6
	Ns/nr	1	,3	,4	100,0
	Total	245	72,5	100,0	
Missing	System	93	27,5		
Total		338	100,0		

Número de empregados do pai

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1	5	1,5	20,0	20,0
	2	9	2,7	36,0	56,0
	3	3	,9	12,0	68,0
	4	2	,6	8,0	76,0
	5	2	,6	8,0	84,0
	7	1	,3	4,0	88,0
	9	1	,3	4,0	92,0
	15	1	,3	4,0	96,0
	27	1	,3	4,0	100,0
	Total	25	7,4	100,0	
Missing	System	313	92,6		
Total		338	100,0		

Indicador socioprofissional de classe do pai ou representante masculino

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	EDL	45	13,3	18,4	18,4
	PTE	45	13,3	18,4	36,9
	TI	24	7,1	9,8	46,7
	EE	50	14,8	20,5	67,2
	OO	79	23,4	32,4	99,6
	AA	1	,3	,4	100,0
	Total	244	72,2	100,0	
Missing	System	94	27,8		
Total		338	100,0		

Representante feminino do agregado doméstico

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Mãe	294	87,0	93,9	93,9
	Madrasta	4	1,2	1,3	95,2
	Avó	8	2,4	2,6	97,8
	Tia	6	1,8	1,9	99,7
	Madrinha	1	,3	,3	100,0
	Total	313	92,6	100,0	
Missing	System	25	7,4		
Total		338	100,0		

Grupo etário da mãe ou representante feminina

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Até 39 anos	42	12,4	13,6	13,6
	40-44 anos	86	25,4	27,8	41,4
	45-49 anos	101	29,9	32,7	74,1
	50-54 anos	57	16,9	18,4	92,6
	55-59 anos	12	3,6	3,9	96,4
	60 ou mais anos	11	3,3	3,6	100,0
	Total	309	91,4	100,0	
Missing	System	29	8,6		
Total		338	100,0		

Grau de escolaridade da mãe ou representante feminino

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não sabe ler, nem escrever	1	,3	,3	,3
	1º Ciclo do Ensino Básico	72	21,3	23,3	23,6
	2º Ciclo do Ensino Básico	21	6,2	6,8	30,4
	3º Ciclo do Ensino Básico	80	23,7	25,9	56,3
	Ensino Secundário	90	26,6	29,1	85,4
	Ensino Superior	45	13,3	14,6	100,0
Total	309	91,4	100,0		
Missing	System	29	8,6		
Total		338	100,0		

Profissão da mãe ou representante feminina

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent	
Valid	Quadros sup adm pública, dirigentes e quadros sup empresas	11	3,3	4,1	4,1	
	Especialistas das profissões intelectuais e científicas	34	10,1	12,6	16,7	
	Técnicos e profissionais de nível intermédio	25	7,4	9,3	25,9	
	Pessoal administrativo e similares	45	13,3	16,7	42,6	
	Pessoal dos serviços e vendedores	58	17,2	21,5	64,1	
	Operários, artífices e trabalhadores similares	19	5,6	7,0	71,1	
	Operadores de instalações e máquinas e trab. da montagem	2	,6	,7	71,9	
	Trab. não qualificados dos serviços e comércio	75	22,2	27,8	99,6	
	Trab. não qualificados da construção, indúst. e transportes	1	,3	,4	100,0	
	Total	270	79,9	100,0		
	Missing	System	68	20,1		
	Total		338	100,0		

Situação na profissão da mãe ou representante feminina

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Patrão	14	4,1	5,0	5,0
	Trabalhador por conta própria	31	9,2	11,1	16,1
	Trabalhador por conta de outrem	235	69,5	83,9	100,0
	Total	280	82,8	100,0	
Missing	System	58	17,2		
Total		338	100,0		

Número de empregados da mãe ou representante feminina

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 1	3	,9	30,0	30,0
2	1	,3	10,0	40,0
3	2	,6	20,0	60,0
4	1	,3	10,0	70,0
15	1	,3	10,0	80,0
28	1	,3	10,0	90,0
30	1	,3	10,0	100,0
Total	10	3,0	100,0	
Missing System	328	97,0		
Total	338	100,0		

Indicador socioprofissional de classe da mãe ou representante feminina

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid EDL	18	5,3	6,7	6,7
PTE	55	16,3	20,6	27,3
TI	27	8,0	10,1	37,5
EE	149	44,1	55,8	93,3
OO	18	5,3	6,7	100,0
Total	267	79,0	100,0	
Missing System	71	21,0		
Total	338	100,0		

Indicador socioprofissional de classe do agregado familiar

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid EDL	49	14,5	15,2	15,2
PTE	86	25,4	26,6	41,8
TI	18	5,3	5,6	47,4
Tipl	17	5,0	5,3	52,6
EE	80	23,7	24,8	77,4
OO	27	8,0	8,4	85,8
Aepl	46	13,6	14,2	100,0
Total	323	95,6	100,0	
Missing System	15	4,4		
Total	338	100,0		

Representante masculino - recodificada * Representante feminino - recodificada Crosstabulation

		Representante feminino - recodificada		Total	
		Mãe	Outro repr. feminino		
Representante masculino - recodificada	Pai	Count	218	6	224
		% within	97,3%	2,7%	100,0%
		% within	96,0%	60%	94,5%
		% of Total	92,0%	2,5%	94,5%
	Outro representante masculino	Count	9	4	13
		% within	69,2%	30,8%	100,0%
% within		4,0%	40,0%	5,5%	
	% of Total	3,8%	1,7%	5,5%	
Total		Count	227	10	237
		% within	95,8%	4,2%	100,0%
		% within	100,0%	100,0%	100,0%
		% of Total	95,8%	4,2%	100,0%

Existência de relacionamento amoroso actual ou passado

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Sim, tenho actualmente	162	47,9	47,9	47,9
Sim, já tive no passado	156	46,2	46,2	94,1
Não	20	5,9	5,9	100,0
Total	338	100,0	100,0	

Duração da relação amorosa - recodificada

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Menos de 1 mês	43	12,7	13,7	13,7
	Entre 1 mês a 3 meses	70	20,7	22,2	35,9
	Entre 3 a 6 meses	48	14,2	15,2	51,1
	Entre 6 a 12 meses	53	15,7	16,8	67,9
	Mais de 12 meses	101	29,9	32,1	100,0
Total		315	93,2	100,0	
Missing System		23	6,8		
Total		338	100,0		

Idade da pessoa com quem o inquirido/a tem/teve o relacionamento amoroso

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent	
Valid	13	3	,9	1,0	1,0	
	14	10	3,0	3,3	4,2	
	15	15	4,4	4,9	9,1	
	16	44	13,0	14,3	23,5	
	17	52	15,4	16,9	40,4	
	18	61	18,0	19,9	60,3	
	19	35	10,4	11,4	71,7	
	20	27	8,0	8,8	80,5	
	21	23	6,8	7,5	87,9	
	22	11	3,3	3,6	91,5	
	23	7	2,1	2,3	93,8	
	24	7	2,1	2,3	96,1	
	25	4	1,2	1,3	97,4	
	26	4	1,2	1,3	98,7	
	27	1	,3	,3	99,0	
	28	1	,3	,3	99,3	
	29	1	,3	,3	99,7	
	32	1	,3	,3	100,0	
	Total		307	90,8	100,0	
	Missing System		31	9,2		
	Total		338	100,0		

Grupo etário da pessoa com quem o/a inquirido/a teve/tem relacionamento amoroso*Grupo etário do/a inquirido/a Crosstabulation

			Grupo etário do/a inquirido/a			Total
			Até 17 anos	18-19 anos	20 ou mais anos	
Grupo etário da pessoa com quem o/a inquirido/a teve/tem relacionamento amoroso	Até 17 anos	Count	66	51	7	124
		% within Grupo etário da pessoa com quem o inquirido/a tem/teve o relacionamento amoroso	53,2%	41,1%	5,6%	100,0%
		% within Grupo etário do/a inquirido/a	66,7%	36,2%	10,4%	40,4%
		% of Total	21,5%	16,6%	2,3%	40,4%
	18-19 anos	Count	24	59	13	96
		% within Grupo etário da pessoa com quem o inquirido/a tem/teve o relacionamento amoroso	25,0%	61,5%	13,5%	100,0%
		% within Grupo etário do/a inquirido/a	24,2%	41,8%	19,4%	31,3%
		% of Total	7,8%	19,2%	4,2%	31,3%
	20 ou mais anos	Count	9	31	47	87
		% within Grupo etário da pessoa com quem o inquirido/a tem/teve o relacionamento amoroso	10,3%	35,6%	54,0%	100,0%
		% within Grupo etário do/a inquirido/a	9,1%	22,0%	70,1%	28,3%
		% of Total	2,9%	10,1%	15,3%	28,3%
Total		Count	99	141	67	307
		% within Grupo etário da pessoa com quem o inquirido/a tem/teve o relacionamento amoroso	32,2%	45,9%	21,8%	100,0%
		% within Grupo etário do/a inquirido/a	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
		% of Total	32,2%	45,9%	21,8%	100,0%

Sexo da pessoa com quem o/a inquirido/a tem/teve o relacionamento amoroso * Sexo do/a inquirido/a Crosstabulation

			Sexo do/a inquirido/a		Total
			Masculino	Feminino	
Sexo da pessoa com quem o inquirido/a tem/teve o relacionamento amoroso	Masculino	Count	5	10	115
		% within Sexo da pessoa com quem o inquirido/a tem/teve o relacionamento amoroso	4,3%	95,7%	100,0%
		% within Sexo do/a inquirido/a	2,5%	94,0%	36,4%
	Feminino	% of Total	1,6%	34,8%	36,4%
		Count	194	7	201
		% within Sexo da pessoa com quem o inquirido/a tem/teve o relacionamento amoroso	96,5%	3,5%	100,0%
	Total	% within Sexo do/a inquirido/a	97,5%	6,0%	63,6%
		% of Total	61,4%	2,2%	63,6%
		Count	199	117	316
Total	% within Sexo da pessoa com quem o inquirido/a tem/teve o relacionamento amoroso	63,0%	37,0%	100,0%	
	% within Sexo do/a inquirido/a	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	63,0%	37,0%	100,0%	

Análise das práticas e das representações

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Lower	Upper
Práticas de integração externa	Equal variances assumed	,054	,816	2,413	315	,016	,227	,094	,042	,413
	Equal variances not assumed			2,407	240,955	,017	,227	,094	,041	,413
Práticas de fusão/ dependência	Equal variances assumed	,992	,320	3,208	315	,001	,227	,071	,088	,366
	Equal variances not assumed			3,177	235,575	,002	,227	,071	,086	,368
Práticas de autonomia/ independência	Equal variances assumed	2,061	,152	-2,853	315	,005	-,196	,069	-,331	-,061
	Equal variances not assumed			-2,763	219,659	,006	-,196	,071	-,336	-,056
Práticas de dominação/ assimetria de poder	Equal variances assumed	1,255	,263	1,150	313	,251	,095	,083	-,067	,257
	Equal variances not assumed			1,195	272,234	,233	,095	,079	-,062	,251
Práticas de negociação/ simetria de poder	Equal variances assumed	2,397	,123	3,114	315	,002	,282	,091	,104	,461
	Equal variances not assumed			3,031	223,124	,003	,282	,093	,099	,466
Práticas de comunicação activa	Equal variances assumed	4,320	,038	-,675	315	,500	-,051	,076	-,201	,098
	Equal variances not assumed			-,706	276,723	,481	-,051	,073	-,195	,092
Representações de dominação/ assimetria de poder	Equal variances assumed	1,847	,175	1,846	332	,066	,164	,089	-,011	,339
	Equal variances not assumed			1,895	276,167	,059	,164	,087	-,006	,335
Representações de negociação/simetria de poder	Equal variances assumed	,080	,778	-3,140	333	,002	-,235	,075	-,382	-,088
	Equal variances not assumed			-3,123	250,864	,002	-,235	,075	-,383	-,087
Representações de segurança e orientação da acção	Equal variances assumed	,059	,808	,681	333	,497	,054	,079	-,102	,209
	Equal variances not assumed			,678	251,537	,499	,054	,079	-,102	,210
Representações de experimentalismo e contingência	Equal variances assumed	,232	,631	,534	332	,594	,037	,070	-,100	,174
	Equal variances not assumed			,540	264,072	,590	,037	,069	-,098	,173

Descriptives

		N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
						Lower Bound	Upper Bound		
Práticas de integração externa	Estrato social alto	123	2,72	,823	,074	2,57	2,86	1	5
	Estrato social médio	110	2,36	,771	,074	2,21	2,50	1	4
	Estrato social baixo	69	2,57	,860	,103	2,36	2,77	1	5
	Total	302	2,55	,825	,047	2,46	2,64	1	5
Práticas de fusão/ dependência	Estrato social alto	123	3,35	,591	,053	3,25	3,46	2	5
	Estrato social médio	110	3,34	,655	,062	3,22	3,47	1	5
	Estrato social baixo	69	3,33	,569	,069	3,19	3,46	2	5
	Total	302	3,34	,609	,035	3,27	3,41	1	5
Práticas de autonomia/ independência	Estrato social alto	123	3,54	,558	,050	3,44	3,63	2	5
	Estrato social médio	110	3,53	,637	,061	3,41	3,65	1	5
	Estrato social baixo	69	3,47	,626	,075	3,32	3,62	1	5
	Total	302	3,52	,602	,035	3,45	3,59	1	5
Práticas de dominação/ assimetria de poder	Estrato social alto	122	2,43	,724	,066	2,30	2,56	1	5
	Estrato social médio	109	2,38	,747	,072	2,23	2,52	1	4
	Estrato social baixo	69	2,35	,660	,079	2,19	2,51	1	5
	Total	300	2,39	,717	,041	2,31	2,47	1	5
Práticas de negociação/ simetria de poder	Estrato social alto	123	3,35	,784	,071	3,21	3,49	1	5
	Estrato social médio	110	3,22	,794	,076	3,07	3,37	1	5
	Estrato social baixo	69	3,35	,806	,097	3,16	3,55	2	5
	Total	302	3,30	,793	,046	3,21	3,39	1	5
Práticas de comunicação activa	Estrato social alto	123	4,21	,677	,061	4,09	4,33	2	5
	Estrato social médio	110	4,24	,627	,060	4,12	4,36	2	5
	Estrato social baixo	69	4,26	,605	,073	4,11	4,40	2	5
	Total	302	4,23	,641	,037	4,16	4,30	2	5
Representações de dominação/ assimetria de poder	Estrato social alto	134	2,24	,869	,075	2,09	2,39	1	5
	Estrato social médio	113	2,08	,731	,069	1,95	2,22	1	4
	Estrato social baixo	72	2,03	,697	,082	1,87	2,20	1	4
	Total	319	2,14	,788	,044	2,05	2,23	1	5
Representações de negociação/ simetria de poder	Estrato social alto	135	3,88	,750	,065	3,76	4,01	1	5
	Estrato social médio	113	4,07	,571	,054	3,97	4,18	3	5
	Estrato social baixo	72	4,20	,604	,071	4,06	4,34	2	5
	Total	320	4,02	,669	,037	3,95	4,09	1	5
Representações de segurança e orientação da acção	Estrato social alto	135	3,74	,703	,060	3,62	3,86	1	5
	Estrato social médio	113	3,74	,684	,064	3,61	3,87	2	5
	Estrato social baixo	72	3,82	,628	,074	3,67	3,97	2	5
	Total	320	3,76	,679	,038	3,68	3,83	1	5
Representações de experimentalismo e contingência	Estrato social alto	134	3,27	,626	,054	3,16	3,38	2	5
	Estrato social médio	113	3,31	,644	,061	3,19	3,43	1	5
	Estrato social baixo	72	3,32	,552	,065	3,19	3,45	2	5
	Total	319	3,30	,615	,034	3,23	3,36	1	5

Test of Homogeneity of Variances

	Levene Statistic	df1	df2	Sig.
Práticas de integração externa	1,029	2	299	,359
Práticas de fusão/ dependência	,646	2	299	,525
Práticas de autonomia/ independência	,360	2	299	,698
Práticas de dominação/ assimetria de poder	2,144	2	297	,119
Práticas de negociação/ simetria de poder	,157	2	299	,855
Práticas de comunicação activa	1,240	2	299	,291
Representações de dominação/ assimetria de poder	3,763	2	316	,024
Representações de negociação/simetria de poder	3,804	2	317	,023
Representações de segurança e orientação da acção	,056	2	317	,945
Representações de experimentalismo e contingência	1,155	2	316	,316

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Práticas de integração externa	Between Groups	7,461	2	3,730	5,645	,004
	Within Groups	197,605	299	,661		
	Total	205,066	301			
Práticas de fusão/ dependência	Between Groups	,033	2	,016	,044	,957
	Within Groups	111,539	299	,373		
	Total	111,572	301			
Práticas de autonomia/ independência	Between Groups	,186	2	,093	,255	,775
	Within Groups	108,955	299	,364		
	Total	109,141	301			
Práticas de dominação/ assimetria de poder	Between Groups	,304	2	,152	,294	,745
	Within Groups	153,288	297	,516		
	Total	153,592	299			
Práticas de negociação/ simetria de poder	Between Groups	1,260	2	,630	1,003	,368
	Within Groups	187,860	299	,628		
	Total	189,121	301			
Práticas de comunicação activa	Between Groups	,119	2	,059	,144	,866
	Within Groups	123,656	299	,414		
	Total	123,775	301			
Representações de dominação/ assimetria de poder	Between Groups	2,579	2	1,289	2,090	,125
	Within Groups	194,927	316	,617		
	Total	197,505	318			
Representações de negociação/simetria de poder	Between Groups	5,162	2	2,581	5,939	,003
	Within Groups	137,755	317	,435		
	Total	142,917	319			
Representações de segurança e orientação da acção	Between Groups	,342	2	,171	,370	,691
	Within Groups	146,522	317	,462		
	Total	146,864	319			
Representações de experimentalismo e contingência	Between Groups	,153	2	,077	,201	,818
	Within Groups	120,217	316	,380		
	Total	120,370	318			

Post Hoc Tests

Multiple Comparisons

Dependent Variable		(I) Estratos sociais de origem	(J) Estratos sociais de origem	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
							Lower Bound	Upper Bound
Práticas de integração externa	Tukey HSD	Estrato social alto	Estrato social médio	,358(*)	,107	,003	,11	,61
			Estrato social baixo	,148	,122	,449	-,14	,44
		Estrato social médio	Estrato social alto	-,358(*)	,107	,003	-,61	-,11
			Estrato social baixo	-,210	,125	,214	-,50	,08
		Estrato social baixo	Estrato social alto	-,148	,122	,449	-,44	,14
			Estrato social médio	,210	,125	,214	-,08	,50
	Scheffè	Estrato social alto	Estrato social médio	,358(*)	,107	,004	,10	,62
			Estrato social baixo	,148	,122	,482	-,15	,45
		Estrato social médio	Estrato social alto	-,358(*)	,107	,004	-,62	-,10
			Estrato social baixo	-,210	,125	,244	-,52	,10
		Estrato social baixo	Estrato social alto	-,148	,122	,482	-,45	,15
			Estrato social médio	,210	,125	,244	-,10	,52
Representações de negociação/simetria de poder	Tukey HSD	Estrato social alto	Estrato social médio	-,190	,084	,064	-,39	,01
			Estrato social baixo	-,316(*)	,096	,003	-,54	-,09
		Estrato social médio	Estrato social alto	,190	,084	,064	-,01	,39
			Estrato social baixo	-,127	,099	,410	-,36	,11
		Estrato social baixo	Estrato social alto	,316(*)	,096	,003	,09	,54
			Estrato social médio	,127	,099	,410	-,11	,36
	Scheffè	Estrato social alto	Estrato social médio	-,190	,084	,080	-,40	,02
			Estrato social baixo	-,316(*)	,096	,005	-,55	-,08
		Estrato social médio	Estrato social alto	,190	,084	,080	-,02	,40
			Estrato social baixo	-,127	,099	,444	-,37	,12
		Estrato social baixo	Estrato social alto	,316(*)	,096	,005	,08	,55
			Estrato social médio	,127	,099	,444	-,12	,37
	Games-Howell	Estrato social alto	Estrato social médio	-,190	,084	,064	-,39	,01
			Estrato social baixo	-,316(*)	,096	,003	-,54	-,09
		Estrato social médio	Estrato social alto	,190	,084	,064	-,01	,39
			Estrato social baixo	-,127	,089	,333	-,34	,08
		Estrato social baixo	Estrato social alto	,316(*)	,096	,003	,09	,54
			Estrato social médio	,127	,089	,333	-,08	,34
Dunnnett C	Estrato social alto	Estrato social médio	-,190	,084	,064	-,39	,01	
		Estrato social baixo	-,316(*)	,096	,003	-,55	-,09	
	Estrato social médio	Estrato social alto	,190	,084	,064	-,01	,39	
		Estrato social baixo	-,127	,089	,333	-,34	,09	
	Estrato social baixo	Estrato social alto	,316(*)	,096	,003	,09	,55	
		Estrato social médio	,127	,089	,333	-,09	,34	

* The mean difference is significant at the .05 level.

Homogeneous Subsets

Práticas de integração externa

	Estratos sociais de origem	N	Subset for alpha = .05	
			1	2
Tukey HSD(a,b)	Estrato social médio	110	2,36	
	Estrato social baixo	69	2,57	2,57
	Estrato social alto	123		2,72
Scheffè(a,b)	Sig.		,179	,424
	Estrato social médio	110	2,36	
	Estrato social baixo	69	2,57	2,57
	Estrato social alto	123		2,72
	Sig.		,208	,458

Means for groups in homogeneous subsets are displayed. a Uses Harmonic Mean Sample Size = 94,596. b The group sizes are unequal. The harmonic mean of the group sizes is used. Type I error levels are not guaranteed.

Práticas de fusão/dependência

	Estratos sociais de origem	N	Subset for alpha = .05	
			1	
Tukey HSD(a,b)	Estrato social médio	69		3,33
	Estrato social baixo	110		3,34
	Estrato social alto	123		3,35
Scheffè(a,b)	Sig.			,950
	Estrato social médio	69		3,33
	Estrato social baixo	110		3,34
	Estrato social alto	123		3,35
	Sig.			,954

Means for groups in homogeneous subsets are displayed. a Uses Harmonic Mean Sample Size = 94,596. b The group sizes are unequal. The harmonic mean of the group sizes is used. Type I error levels are not guaranteed.

Práticas de autonomia/ independência

	Estratos sociais de origem	N	Subset for alpha = .05	
			1	
Tukey HSD(a,b)	Estrato social médio	69		3,47
	Estrato social baixo	110		3,53
	Estrato social alto	123		3,54
	Sig.			,755
Scheffe(a,b)	Estrato social médio	69		3,47
	Estrato social baixo	110		3,53
	Estrato social alto	123		3,54
	Sig.			,775

Means for groups in homogeneous subsets are displayed. a Uses Harmonic Mean Sample Size = 94,596. b The group sizes are unequal. The harmonic mean of the group sizes is used. Type I error levels are not guaranteed.

Práticas de dominação/ assimetria de poder

	Estratos sociais de origem	N	Subset for alpha = .05	
			1	
Tukey HSD(a,b)	Estrato social médio	69		2,35
	Estrato social baixo	109		2,38
	Estrato social alto	122		2,43
	Sig.			,735
Scheffe(a,b)	Estrato social médio	69		2,35
	Estrato social baixo	109		2,38
	Estrato social alto	122		2,43
	Sig.			,756

Means for groups in homogeneous subsets are displayed. a Uses Harmonic Mean Sample Size = 94,596. b The group sizes are unequal. The harmonic mean of the group sizes is used. Type I error levels are not guaranteed.

Práticas de negociação/ simetria de poder

	Estratos sociais de origem	N	Subset for alpha = .05	
			1	
Tukey HSD(a,b)	Estrato social médio	110		3,22
	Estrato social baixo	123		3,35
	Estrato social alto	69		3,35
	Sig.			,474
Scheffe(a,b)	Estrato social médio	110		3,22
	Estrato social baixo	123		3,35
	Estrato social alto	69		3,35
	Sig.			,507

Means for groups in homogeneous subsets are displayed. a Uses Harmonic Mean Sample Size = 94,596. b The group sizes are unequal. The harmonic mean of the group sizes is used. Type I error levels are not guaranteed.

Práticas de comunicação activa

	Estratos sociais de origem	N	Subset for alpha = .05	
			1	
Tukey HSD(a,b)	Estrato social médio	123		4,21
	Estrato social baixo	110		4,24
	Estrato social alto	69		4,26
	Sig.			,868
Scheffe(a,b)	Estrato social médio	123		4,21
	Estrato social baixo	110		4,24
	Estrato social alto	69		4,26
	Sig.			,880

Means for groups in homogeneous subsets are displayed. a Uses Harmonic Mean Sample Size = 94,596. b The group sizes are unequal. The harmonic mean of the group sizes is used. Type I error levels are not guaranteed.

Representações de dominação/ assimetria de poder

	Estratos sociais de origem	N	Subset for alpha = .05	
			1	
Tukey HSD(a,b)	Estrato social médio	72		2,03
	Estrato social baixo	113		2,08
	Estrato social alto	134		2,24
	Sig.			,151
Scheffe(a,b)	Estrato social médio	72		2,03
	Estrato social baixo	113		2,08
	Estrato social alto	134		2,24
	Sig.			,177

Means for groups in homogeneous subsets are displayed. a Uses Harmonic Mean Sample Size = 94,596. b The group sizes are unequal. The harmonic mean of the group sizes is used. Type I error levels are not guaranteed.

Representações de negociação/simetria de poder

	Estratos sociais de origem	N	Subset for alpha = .05	
			1	2
Tukey HSD(a,b)	Estrato social médio	135	3,88	
	Estrato social baixo	113	4,07	4,07
	Estrato social alto	72		4,20
	Sig.		,107	,365
Scheffe(a,b)	Estrato social médio	135	3,88	
	Estrato social baixo	113	4,07	4,07
	Estrato social alto	72		4,20
	Sig.		,130	,399

Means for groups in homogeneous subsets are displayed. a Uses Harmonic Mean Sample Size = 94,596. b The group sizes are unequal. The harmonic mean of the group sizes is used. Type I error levels are not guaranteed.

Representações de segurança e orientação da acção

	Estratos sociais de origem	N	Subset for alpha = .05	
			1	
Tukey HSD(a,b)	Estrato social médio	113		3,74
	Estrato social baixo	135		3,74
	Estrato social alto	72		3,82
	Sig.			,681
Scheffe(a,b)	Estrato social médio	113		3,74
	Estrato social baixo	135		3,74
	Estrato social alto	72		3,82
	Sig.			,706

Means for groups in homogeneous subsets are displayed. a Uses Harmonic Mean Sample Size = 94,596. b The group sizes are unequal. The harmonic mean of the group sizes is used. Type I error levels are not guaranteed.

Representações de experimentalismo e contingência

	Estratos sociais de origem	N	Subset for alpha = .05	
			1	
Tukey HSD(a,b)	Estrato social médio	134		3,27
	Estrato social baixo	113		3,31
	Estrato social alto	72		3,32
	Sig.			,858
Scheffe(a,b)	Estrato social médio	134		3,27
	Estrato social baixo	113		3,31
	Estrato social alto	72		3,32
	Sig.			,870

Means for groups in homogeneous subsets are displayed. a Uses Harmonic Mean Sample Size = 94,596. b The group sizes are unequal. The harmonic mean of the group sizes is used. Type I error levels are not guaranteed.

Kruskal-Wallis Test

Ranks	Estratos sociais de origem	N	Mean Rank
	Estrato social médio	113	164,69
	Estrato social baixo	72	185,18
	Total	320	
Representações de dominação/ assimetria de poder	Estrato social alto	134	170,38
	Estrato social médio	113	154,76
	Estrato social baixo	72	148,90
	Total	319	

Test Statistics(a,b)

	Representações de negociação/simetria de poder	Representações de dominação/ assimetria de poder
Chi-Square	9,969	3,159
df	2	2
Asymp. Sig.	,007	,206

a Kruskal Wallis Test
b Grouping Variable: Estratos sociais de origem

Anexo C – Indicadores Socioprofissionais de Classe

Figura n.º 1 - Matriz de construção do indicador socioprofissional individual de classe (ispi)

Profissões (grandes grupos/CNP 94)	Situação na profissão		
	Patrões	Trab. p/ conta própria (+ trab. Fam.)	Trab. p/ conta de outrem (+m.a.c.+out.)
1 Quadros sup. da adm. pública, dirigentes e quadros sup. de empresas	EDL	EDL	EDL
2 Especialistas das profissões intelectuais e científicas	EDL	EDL	PTE
3 Técnicos e profissionais de nível intermédio	EDL	EDL	PTE
4 Pessoal administrativo e similares	EDL	TI	EE
5 Pessoal dos serviços e vendedores	EDL	TI	EE
6 Agricultores e trab. qualificados da agricultura e pesca	EDL	AI	AA
7 Operários, artífices e trabalhadores similares	EDL	TI	O
8 Operadores de instalações e máquinas e trab. da montagem	EDL	TI	O
9.1 Trab. não qualificados dos serviços e comércio	EDL	TI	EE
9.2 Trab. não qualificados da agricultura e pesca	EDL	AI	AA
9.3 Trab. não qualificados da construção, indúst. e transportes	EDL	TI	O

EDL: Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais

PTE: Profissionais Técnicos e de Enquadramento

TI: Trabalhadores Independentes

AI: Agricultores Independentes

EE: Empregados Executantes

OO: Operários

AA: Assalariados Agrícolas

Figura n.º 2 - Matriz de construção do indicador socioprofissional familiar de classe (ispf)

Mulher	Homem						
	EDL	PTE	TI	AI	EE	O	AA
EDL	EDL	EDL	EDL	EDL	EDL	EDL	EDL
PTE	PTE	PTE	PTE	PTE	PTE	PTE	PTE
TI	EDL	PTE	TI	TIpl	TIpl	TIpl	TIpl
AI	EDL	PTE	TIpl	AI	AIpl	AIpl	AIpl
EE	EDL	PTE	TIpl	AIpl	EE	AEpl	AEpl
O	EDL	PTE	TIpl	AIpl	AEpl	O	AEpl
AA	EDL	PTE	TIpl	AIpl	AEpl	AEpl	AA

1.EDL: Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais

2.PTE: Profissionais Técnicos e de Enquadramento

3.TI: Trabalhadores Independentes

4.Tipl: Trabalhadores Independentes Pluriactivos

5.AI: Agricultores Independentes

6.Aipl: Agricultores Independentes Pluriactivos

7.EE: Empregados Executantes

8.OO: Operários

9.AA: Assalariados Agrícolas

10.AEpl: Assalariados Executantes Pluriactivos

Anexo D – Curriculum Vitae